

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

DA REDAÇÃO:			
O ambiente escolar	pag.	1	
O momento educacional em Minas	pag.	6	
COLABORAÇÃO:			
C estudo—Prof. Firmino Costa	pag.	3	
NOTAS E COMENTARIOS:			
O artifício na escola — Oscar Arthur Guimarães	pag.	30	
TRADUÇÕES:			
A Educação das crianças retardadas—Alice Descoeurds	pag.	32	
NOSSA EXPERIENCIA:			
Composição de uma classe escolar — Maria Romualda Guerra de Vasconcelos	pag.	40	
O mercado do jardim	pag.	43	
Escola Infantil «Delfim Moreira»	pag.	48	
Sugestões sobre a biblioteca escolar — José Maria Paradas	pag.	52	
DAQUI E DALI:			
A escola nova — José Maria Paradas	pag.	54	
O ensino ativo de geografia e ciencia em uma escola rural alemã — W. Kunze	pag.	60	
Biblioteca filologica da lingua portugueza	pag.	62	
Escolas Normais	pag.	65	
NOTICIARIO:			
Congresso de proteção á natureza	pag.	69	
O ensino domestico na Suissa	pag.	70	

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

210

Data 20-10-77

O AMBIENTE ESCOLAR

A senha da antiga escola — diz John Dewey — é “Direção e Fiscalização”. O mestre é o centro, o fim da escola. Mantida a disciplina tumular, reduzidos os alunos á quietude e ao silencio, esgotados até á ultima os programas escolares, feitos os exames do fim do ano, dá o professor por terminada a sua tarefa. Na sua opinião cumpria assim rigorosamente o seu dever.

*

Está exuberantemente provado que a atitude do mestre deve ser muito outra. A escola deve merecer-lhe maior cuidado pela rica variedade de problemas que nos apresenta diariamente. Procurar compreender a criança, criar uma atmosfera propria ao seu desenvolvimento, interessá-la dentro de seu mundo infantil, ensiná-la dentro do campo de sua experiencia, enriquecendo e ampliando esta, é um sonho que faz da escola uma delicia, e, do magisterio, um sacerdocio.

O ambiente escolar deve estar cheio de alegria e de franqueza. A criança dedicará ao professor uma amizade filial, acostumada, como estará, a vê-lo sempre igual, solícito em atender, alerta em cooperar com ela.

Nesse convívio, que será cuidadosamente preparado pelo professor, as oportunidades são múltiplas para bem dirigir e orientar as atividades das crianças, encaminhando-as para uma organização definitiva e que tenha em vista a vida e os seus problemas.

Infelizmente nem todos guardam uma grata recordação da escola. Nem sempre os mestres procuraram compreender os seus alunos, estimular seus interesses, auscultar suas tendências e inclinações.

Vivendo uma vida artificial, num ambiente odioso, sob o temor do castigo, fingindo e dissimulando a toda hora, muitos fracassaram na vida adulta ou, pelo menos, não produziram tudo o que prometiam suas energias e possibilidades.

*

Cumpra, pois, substituir a direção e a fiscalização por uma diretriz da vida, cheia de iniciativa e realizações. Desloquemos o centro da gravidade da escola, fazendo da criança o seu fim principal. Tornemo-la atrativa à criança, fazendo esta viver em seu ambiente próprio, e, certamente, obteremos resultados inesperados de nossos esforços.

O E S T U D O

Referindo-me apenas á escola normal, para restringir o assunto, tenho por um de seus principais deveres ensinar a estudar. No preparo de um trabalho oral ou escrito, por exemplo, poderá o aluno proceder da seguinte fôrma: consultar primeiramente as notas que tomou na aula, e bem assim a bibliografia recomendada pelo professor; extrair dessa leitura notas concernentes aos pontos essenciais; refletir sobre a maneira de apresentar o assunto, traçando, em seguida, o respectivo sumario; redigir o exercício, usando de expressões próprias, não decoradas, e orientando-se unicamente pelo sumario, quando aquele for verbal. Convém que a classe considere o exercício como trabalho ao alcance da sua intelligencia, sem contudo pretender esgotá-lo, o que só mais tarde talvez possa conseguir.

E' conveniente que o professor conte aos alunos como êle proprio estuda, como prepara as lições, como corrige as provas escritas. Assim tambem explicará de que modo coordena as idéas para escrever um artigo ou uma conferencia, e de que fôrma aperfeiçoa a linguagem. Porque não ha de o professor tornar conhecida dos alunos a sua vida intellectual, si isso irá aumentar-lhe o prestigio perante eles, e fará crescer o desejo que eles tem de estudar?

"O ensino normal, diz o autor da reforma da instrução, . . . visa, sobretudo, á aquisição de uma tecnica, de uma tecnica psicologica, de uma tecnica intellectual e de uma tecnica moral". Toda essa aquisição se baseia, naturalmente, na tecnica do estudo, sem a qual haverá impossibilidade de obter as demais tecnicas. Não aprendendo a estudar, o aluno se-

rá como um navio desarvorado, entregue á mercê das ondas...

A aula ha de equivaler, por isso, a um estudo do professor, feito em comum com a classe, que assim aprenderá não só a materia, mas tambem o modo de estudá-la. Surge este com as ocasiões que se apresentam: "observar, notar, experimentar, desenhar, construir, disculir, resumir oralmente, redigir, corrigir, etc."

O regulamento do ensino normal prescreve que o professor recomende aos alunos, em todas as oportunidades, a consulta direta aos livros, ás revistas e a outras fontes de informações. De novo êle insiste em que "a leitura deve ser recomendada pelos professores, não sómente de modo geral, mas com indicação de livros relativos aos diversos cursos, os quais possam servir de instrumentos de trabalho para os alunos nas suas investigações pessoais e no esclarecimento das lições dadas nas aulas".

Só será proveitoso o estudo que os alunos fizerem em casa ou na biblioteca, si houver da parte dos docentes essa orientação consignada no regulamento. Ensinando a estudar, os professores terão a devida compensação com o maior aproveitamento da classe e com o prazer advindo do trabalho proficuo que realizam. Neste caso, a disciplina da aula torna-se habitual, desenvolve-se a consideração para com o mestre, suaviza-se o trabalho escolar. Não se interesse o mestre pela classe, e tambem esta não se interessará por êle.

Que diferença nas aulas de uns e outros professores com a mesma classe! Como são diversas as referencias que ela faz a uns e a outros! Quanto perdura na mente dos alunos a lembrança afetuosa dos mestres queridos! Estes não deviam desestimar jamais o exercicio de seu honroso cargo, antes muito lhes importa elevar-se no desempenho dele. A aula

bem organizada deriva sempre do ensino transmitido com proficiencia e solicitude.

Quer o regulamento que o professor desperte nos alunos a incitativa intelectual, e Ferrière entende que "a fôrma mais elevada da ação é o trabalho do pensamento". Sem que a orientação professoral se estenda ao estudo livre dos alunos, em casa e na biblioteca, não será possível despertar a iniciativa intelectual e tão pouco a atividade fecunda do pensamento.

Vai o professor, de vez em quando, fazer uma visita á classe na biblioteca, para saber si ela está ocupada em leitura instrutiva ou meramente recreativa, e para verificar si está aproveitando o tempo? A biblioteca deve ser considerada como continuação do ensino, onde, em silencio, a classe pôde pensar serenamente sobre o seu trabalho e desenvolvê-lo por meio do estudo. Além do mais, a presença do professor na biblioteca, quando a classe a frequenta, avulta aos olhos dela a importancia do esforço que ali se despende.

Os exercicios didaticos não de ser lidos, corrigidos e julgados pelo professor, que registrará neles e nas cadernetas as respectivas notas. Quanto mais bem feito for esse trabalho, tanto mais êle incentivará o amor ao estudo e a dedicação á escola. Ha poucos dias, por motivo de ter uma professora realmente habil e esforçada, a aluna, que conversava comigo, ficou surprehendida de lhe dizer eu que havia outras professoras iguais á sua. Essa admiração, assim adoravelmente manifestada, é devêras confortadora para quem leciona...

O estudo da lingua vernacula sobreleva aos demais, na parte propedeutica do curso normal. As designações para essa cadeira precisam de ser confiadas á direção da escola. O conhecimento de nossa lingua acompanha todas as outras disciplinas, e vai

atestando na vida escolar o ensino ministrado. Cabe evidentemente á direção da escola assumir a responsabilidade desse ensino, pois que de outra forma a normalista poderá concluir o curso sem ter a capacidade de expressão, que lhe é absolutamente indispensável.

Os estudantes brasileiros, talvez que, em regra, não estudam e nem sabem estudar, porque em tempo não frequentaram a biblioteca. Por isso, não saem da escola estudiosos. A ciencia caminha sempre, e eles permanecem parados. As nações adiantadas avançam, e o Brasil não pôde acompanhá-las. Si os nossos institutos de educação, á frente dos quais as escolas normais devem colocar-se, não tomarem, desde já, o caminho do estudo, estará garantido o futuro de nosso país?

FIRMINO COSTA

O MOMENTO EDUCACIONAL EM MINAS

Discurso de parainfo ás diplomandas da
Escola Normal Oficial de Juiz de Fóra

Por NORALDINO LIMA

"Como vos poderia eu recursar o dever de minha presença nesta solenidade, si, além do mais, a satisfação desse dever é tão grata ao meu sentimento?"

Juiz de Fóra foi sempre a cidade do meu enlevo. Nela comeci, a bem dizer, a minha vida do espirito, da intelligencia; nela, minhas esperanças, que eram apenas semente, deitaram as radículas para dentro e as folhinhas verdes para fóra; nela, entre ansios e sonhos, compus os meus melhores versos — melhores, sim, porque jámais tive outros que tão a justa me viessem das fontes vivas do coração; nela, finalmente, encontrei, como quem revolvesse uma grupiára, o fundamento de meu lar, ou seja o sóco de granito de minha vida.

Si recordar é amar outra vez, como afirmou alguém, com que alma revejo agora, na objetiva clara da saudade, "passar e repassar de cousas antigas", o trecho da vida que lá ficou, entre 1905 e 1910, não como um morráo apagado, no silencio das horas, que o sol festivo da mocidade deixasse, á semelhança de um kanitar de chumbo, no vasquejo de sua agonia, mas sim — na agua-forte dos tempos imortais, — o espanejamento das asas inquietas que voaram na alegria da manhã e cujo rumor, através do espaço, entra, incessantemente, pelos ouvidos, como um noturno de Chopin, tocado na penumbra, em horas de recolhimento e de ternura.

Recordar... amar outra vez... como eu te amo, cida-de-princesa, que tens a cauda de teu manto, ao luar, nas aguas do Paraíba, e o teu diadema de esmeralda, ao sol, no Morro do Imperador. Amo-te, primeiramente porque foste boa para mim e me deste o direito do devancio, nesse doce quartel da existencia, que, sendo um desabrocho de corolas, todo se resume em sonhar, no sono ou na vigilia. Amo-te, depois, no esplendor de tua cultura, na frutificação de teu trabalho, no prestigio de tuas forças morais, no coeficiente, em suma, de tua pujante e radiosa contribuição á grandeza de Minas — pelo fumo de tuas fabricas, pelo pregão de teus jornais, pela projecção de tua politica, pelo valor de teus filhos legitimos ou adotivos. Um destes creou esta escola — gema de alto preço esgastada na corôa de tua instrução, das mais perfeitas e avançadas no campo educacional de nosso Estado. Honra seja a Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, espirito de eleição, cuja existencia toda se marca por um traço vivo de cultura e de elegancia espiritual e que tanto beneficiou esta cidade, como Minas Gerais, determinando a reforma do ensino — obra de pensamento, impercível na sua estrutura e grandiosa na sua finalidade.

Não padece discussão que, sob pena de nos isolarmos, temos que nos incorporar á corrente dos tempos e das idéas. A reforma do ensino primario e normal em Minas foi, de fato, nossa integração nas vitoriosas diretrizes da pedagogia moderna em todos os grandes centros cultos da terra. Foi assim, antes de nós, na America do Norte, foi assim, na Argentina e no Uruguai, foi assim na Belgica, na Alemanha, na Suissa, na França.

Parar no meio da estrada quando todos caminham por ela, é, sem duvida, um erro de perigosas consequencias: corre-se o risco de ser atropelado.

Minas não parou: Minas não se deixa atropelar. E si a escola se faz na sociedade, para e pela sociedade, consoan-

te doutrina extremista, que se aplica, por um princípio de generalidade racional, às organizações sociais de maior moderação e equilíbrio, nada mais evolutivo do que a escola, porque nada mais se transforma, nos seus aspectos e tendências, do que a sociedade, dirigida, como é, pela inteligência humana, toda feita de inquietação e força ascensional.

"O sistema solar — disse eminente pensador — varia em função do universo; o planeta, em função do sol que o conduz; a humanidade, em função do planeta que habita; o homem, em função da sociedade, que constitui o seu mundo moral. A mais imprecisa nebulosa, a estrela mais brilhante, as cordilheiras e os oceanos, o carvalho e a mariposa, os sentimentos e as idéas, o que conhecemos e o que concebemos entre a via-láctea e o átomo, vive em perpetuo aperfeiçoamento. A própria morte é palíngenesia renovadora: parece-nos quietude e estabilidade, apenas porque suspende funções que, numa parte mínima do real, chamamos vida".

A esse mesmo glorioso cérebro devemos a frase que, nas suas fundações morais, é bem uma bandeira humana: "Os caminhos da perfeição não têm fim".

Toda razão ao pensador. A idéia da perfectibilidade domina e clareia todos os sectores do trabalho das esperanças e dos anseios dos homens: a vida é um impulso constante para a frente e para o alto. Nesse afan supremo em busca da luz que se reparte, como as irradiações de um prisma, por todos os ângulos da atividade individual e coletiva, os olhos que choram são lábios que sorriem; os sonhos se chamam realidades; os pigmeus se tornam gigantes; o homem, mortal e pequenino, tem qualquer cousa do centro creador no seu corpo e na sua alma, e o Tifeu mitológico surge, vivo e real, das sombras lendárias, com suas cem cabeças, cada qual procurando, a breve trecho, os rumos da perfeição, ou seja o da felicidade, que, no dizer do poeta,

"Existe, sim; mas nós não a alcançamos.
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos".

Renovação — eis o grito do século: deste e de todos os que conovelaram para o além, mesmo aqueles em que o sentimento de iniciativa e de liberdade viveu sufocado, estrangulado pela injustiça ou pela ignorância dos homens.

Carlyle cita um sábio britânico, para quem, assim como as estrelas são móveis e as montanhas eternas, pôde-se admitir as civilizações, as sociedades, os dogmas igualmente imutáveis. "Mas, — acrescenta o autor do "Crepúsculo dos

Deuses" — o espírito humano descobriu que nada, absolutamente nada, é fixo; nada é incorruptível! o Genesis e a Tora regem os astros e as cidades, assim como as flores e as faunas, mas, no fundo, as destruições não passam de transformações".

O povo que não evolue; o povo que não põe o coração batendo ao nível do coração universal — é povo que corre para a deliquescência, o aniquilamento, a ruína.

Nada de fantasmas, por mais venerandos que sejam e venham de onde vierem.

Foi Saint-Victor quem disse ser má a escola do sepulcro: "Ela ensina a imobilidade, o entorpecimento, a morte. Um povo entra depressa em decadência quando não faz sinão subir e descer as escadas do sepulcro. Onde quer que ele vá — conclue o escritor — encontrará sempre, disposto em linha de batalha, todo um exercito de múmias para repeli-lo".

Assim, si é certo que, no dizer de Ingenieros, os homens vivem escravos de fantasmas, não é menos certo que precisamos quebrar esses grilhões, assestando contra eles, através das seteiras do estudo e do raciocínio, os projétores de nossa conformidade com a marcha das idéas e o desejo sincero de sermos unidades, federadas, concientes, irredutíveis, do todo evolutivo.

A humanidade só se tem afirmado, nas grandes e gloriosas criações do espírito, por força da meditação, do trabalho, da cultura, que dão para o progresso. Embora o acaso e a improvisação frutifiquem, às vezes, na inconsciência do esforço, a mése temporária pouco espaço ocupa no celeiro. Para que citar exemplos? Eles enxameiam por aí, no patrimonio comum dos fatos e das cousas.

O passado é o cupim que abre tuneis irreparáveis nos *in folto* da vida. Nosso amor à tradição nem sempre nos dá coragem para o banho de gasolina ou para as pulverizações de flit contra o gulo; mas não nos esqueçamos do seguinte: a tradição deve ser um estímulo e nunca um objetivo: quem corre para ela está correndo para trás...

Si a hora é de rebate, por que dobrar a finados?

Mezencio é, de certo, um mau símbolo: quem se amarra a cadaveres, putrefaz-se depressa. A alma das taperas é incompatível com as avenidas arejadas do espirito.

O passado comove porque ele é o renascimento de nós mesmos; quando nos debruçamos para dentro de nossa própria alma ouvimos um repique de alcuia em cada pequenino nada do que se foi e que representa, muitas vezes, tudo na vida do sentimento.

Essa ressonancia interior, ecoando, dolorida e confidencia, entre as paginas do empóado missal que a traça do tempo forcecia em vão para devorar, tem para nós qualquer cousa da atração do abismo: quem olhar á retaguarda no colapso da vontade, está certamente a pique de se transformar em estalua de sal.

Eia, pois. Si há um sopro de renovação em todo o ambiente: em que nos movemos — na politica, nas ciencias economicas, nos processos agrarios, nos mil aspéto da vida contemporanea — porque não renovar a escola, que foi creada dentro da vida, para a vida?

Tudo pela escola nova; tudo por esse vitorioso tonus educacional, tão bem concretizado no esforgo e na unidade de pensamento dos que orientam as correntes pedagogicas do mundo atual.

A sedimentação da rotina precisa ser, deve ser e ha de ser, entre nós, desfeita, pulverizada, destruida até aos seus mais remotos fundamentos.

Ela tem, na sua atuação deletéria, muito e muito daquelle apuseiro descrito por Alberto Rangel no seu "Inferno Verde":

— "O apuseiro é um polvo vejetal. Enrola-se ao individuo sacrificado, estendendo sobre êle milhares de tentáculos. O polvo de Giliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas: os do apuseiro não se enumeram. Cada celula microscopica, na estrutura de seu tecido, se amolda, numa boca acedenta. E a lúia sem um murmúrio começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe de onde. Depois, esse filete entumesce, e, avolumado, se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constringente, para malhetar a presa a que se substitue completamente. Como um sudario, o apuseiro envolve um cadaver; o cadaver apodrece, o sudario reverdesce imortal".

Tal o apuseiro, tal a rotina. Morte, pois, ao terrível polvo moral.

É possível que, ante a visão panoramica dos nossos processos de ensino, ainda haja alguém, ignorante ou de má fé, capaz de ensinar para um outro alguém, um risinho furta-côr. . .

A esses adeptos de Voltaire, que dizia: "Je ris de tout et je m'en trouve bien", poderíamos responder com Boileau: "Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire".

Para os que ainda vacilam na arrancada em que se empenha toda a alma cheia de sôl do professorado mineiro,

há uma bela advertencia de Victor Cambon, que é oportuno recordar: "Não adormeças nunca — diz êle — pensando que uma coisa é impossível: serias despertado pelo barulhe feito por teu vizinho que está quasi a realizá-la".

O impossível é sem duvida uma palavra inocua e vã nos dominios da vontade. A fraqueza nas mãos do homem que sinceramente quer é uma clava poderosa; não ha muralhas que se lhe opponham. Entretanto, para os fisica ou intelectualmente incapazes, que ainda existem na obra de renovação que de todos os pontos do globo nos acena, escreveu Maurice Maeterlinck — sem objetivação especial — os seguintes periodos:

— "A estatu do destino projéta uma sombra ao longo da planície que ela parece inundar de trevas; mas esta sombra tem contornos mui nitidos para aqueles que a contemplam dos flancos da montanha.

Nós nascemos nela, é verdade, mas a muitos é permitido dela sair; e si nossa fraqueza ou nossas enfermidades nos prendem até a morte áquelas regiões sombrias, é já alguma coisa delas nos afastarmos ás vezes pelo desejo e pelo pensamento".

Dizendo tais verdades no seio desta escola, que é legítimo centro de cultura e de ação, Escola cheia de responsabilidades por todos os titulos e razões, eu o faço como professor conciente de sua missão e como Secretario de Estado, conciente de seu dever, para falar alto e claro, na linguagem do profeta, aos que ainda porventura hesitem: — "Et quo ego vado, scitis, et viam scitis" Sabeis onde vou e sabeis o caminho.

Vamos; caminhemos juntos, cooperando todos pelo pensamento, pela palavra e pela ação, em prol do ensino, o maior e melhor beneficio que pode ter o povo — figura de retorica no passado, afirmação de vida no presente — das mãos daqueles que, como vós, professores de hoje, professores de amanhã, sois os obreiros da obra imortal.

E vós, senhoras diplomandas, que terminais este curso sob nossas palmas e nossos grandes votos, inscrevei no vosso escudo de combate, como a cruz das hostes de Constantino, o conhecido lema — "Não esmorecer, para não desmerecer". Si assim fizerdes, tereis alegria no exercicio do trabalho sem preço e da renuncia sem nome, porque sereis, acima de tudo, um pouco da faísca creadora que incendia o campo magnetico do amor — do amor, copia e resumo da divindade; do amor — força motora de todas as realizações e de todos os sacrificios do homem; do amor — soberano e eterno, que se perpetua, enraiza e ramalha, floreja e frutifi-

ca, nos quadrantes do órbe, através da cadeia universal dos seres.

Fazei assim, e vossos esforços não morrerão infecundos; pétalas invisíveis, de aroma sideral, cairão, como chuva de ouro, sobre vossas cabeças, pois que o Lethes — o rio do esquecimento — não rola nas suas águas frias sobre a semente do bem. Esta germina sempre em qualquer desvão da terra, sob o orvalho de Deus, e a sua frondescência é tão alta que até ela não chega a voz do tenebroso Acheronte.

Não penseis, minhas caras amigas, que essa arvore seja a cupola do mundo e que os seus galhos generosos sejam poupados pela furia dos ventos; uma coisa, porém, eu vos digo — e isto basta á grandeza de vosso apostolado, que, sendo do mundo, o é também do céu: está em vossas mãos muita sombra para os cansados, muito pão para os famintos.

Que consoladora e bella é a vossa missão!"

Discurso de parainfo ás diplomandas da
Escola Normal Oficial de Juiz de Fora.

Por ABGAR RENAULT

Senhoras Professoras,

Ao fim do vosso longo dia de trabalhos e fadigas, recolhidos os instrumentos e utensílios com que pelejastes de sol a sol, esquecidos todos os labores, desfalecimentos e agrestias da jornada, a longura, as sinuosidades e asperezas do caminho, que subia cansadamente, rumo á grande encosta, — afinal, como uma só familia, unida e guiada pelo mesmo ideal, aqui vos reunis para o repouso de um momento e, trocados os adeuses derradeiros, de novo partireis em linhas divergentes, que talvez nunca mais se cruzem. . .

E para esta grande hora de alegria e triunfo, a que se mistura um travo de tristeza e de saudade antecipada, a vossa generosidade sem limites quis convocar o vosso antigo companheiro de estudos — um simples condiscipulo mais experiente — a quem sorriiu a ventura de substituir eventualmente o seu caro amigo e mestre de todos nós, dr. Arduino Bolivar, e convosco trabalhar, estudar e refletir, procurando imprimir firmeza a vossas vontades, comunicar interesses ás formas de vossos estudos e orientar os vossos espiritos naquelas direcções, que, ao seu parecer, eram nada mais, nada menos, que os próprios prolongamentos das tendencias e virtua-

lidades, ainda em estado de "vir-a-ser", que configuravam o fundo mais opulento e mais vivo da vossa personalidade.

Que titulos, pois, e que serviços prestados posso eu invocar, que perante mim mesmo justifiquem a escolha de meu nome para acompanhar-vos neste instante supremo da vossa vida escolar, tão carregado de significação e alcance, em que assumis tantas e tão imperativas responsabilidades? — Nada neutraliza ou sequer dilue o sentimento de perturbadora surpresa de que me tocou a indicação com que tão voluntária e generosamente deliberastes exaltar, confundir e desvanecer a minha pessoa, dissolvendo em luz irradiante a penumbra em que vivo. Só mesmo os milagres transfiguradores, de que são capazes os vossos corações, lograriam fazer das minhas indigencias e fraquezas pessoais valores e atributos justificativos da honra de que me investistes.

Convocando-me a esta solemnidade, a que a vossa juventude empresta os esplendores sem par das fulgurações do vosso espirito e das seduções da vossa graça, quizesdes ouvir de mim não apenas uma palavra de despedida, sinão tambem uma ultima palavra de conselho.

Vós vivestes, durante todo o vosso curso, em altitude que vos habituou a um clima de cultura. A conquista desse habito constitue, exactamente, a mais preciosa de todas as virtudes mentais: por si só, paga e resgata os vossos esforços e fundo mais opulento e mais vivo da vossa personalidade, presa de que me tocou a indicação com que tão voluntária e as vossas censeiras. E' imprescindivel agora que continueis a viver naquêlê mesmo clima, aspirando o mesmo ar, aquecidas ao mesmo sol, os olhos contemplativamente perdidos nas mesmas longas, largas e poderosas perspectivas. . . Não vos será difficil guardar e proteger o tesouro tão arduamente incorporado ao patrimonio de vossa educação. E o simples ato de sua guarda e protecção implicará o seu acrescimento, dia a dia, em extensão e preço. Não adquiristes apenas técnicas de ensino, mas tambem, e principalmente, habitos de estudo, analise, comprovação, critica e reflexão; e por intermedio da aquisição de tais habitos — que é no que se cifra todo o essencial do problema educativo — dotastes de um sentido a vossa formação: ela já possui uma força de impulso e uma linha de direcção. Como aproveitar essa força inicial? Como seguir essa linha de direcção? Simplemente atendendo aos apelos do que houver de substancial em vossa personalidade para que ela se desdobre e se amplifique vigorosamente. Ao invés de um processo de simples interiorização de noções, normas e esquemas; educação; vós o sabeis, é, sobretudo, pro-

cesso de desdobramento: forças fundamentais que se exteriorizam e se exercitam, projetando-se sem experiência e enriquecendo-se em plasticidade e rizeja para operar o pleno desabrochamento da personalidade.

Si todas sois suscetíveis de aperfeiçoamento em todos os setores da vossa cultura, um ou mais de um haverá, evidentemente, a que, com maior soma de eficiência e rendimento, podereis canalizar as vossas energias intelectuais, por isso mesmo que os vossos espíritos, sendo diversos uns dos outros, envolvem tendências, predileções e aspirações diferentes.

A cultura não prescinde de um sub-sólo comum. Não é menos verdade, todavia, que, uma vez estratificado esse fundo de resistência e nutrição, os rumos adotados no esgalhamento, em que a seiva se move e circula, são diferentes, não sob um regime fortuito de arbitrio e acaso, mas de causalidade e necessidade. Cada inteligência terá, pois, de dirigir-se com mais constância e firmeza neste ou naquela sentido, sob pena de não aproveitar-se e economizar-se convenientemente. Por outras palavras: especializai as vossas tendências vocacionais mais energicas, atribuindo-lhes mais tempo nos vossos labores, cuidando-as e acoroçoando-as com carinho e amor particular. Mas, não vos deixeis arrastar cegamente pelas seduções faceis da especialização. Os caminhos que ela segue são estreitos e arriscados... Nada tem desvirtuado e devastado culturas como a especialização. Bernard Shaw resume os seus perigos nesta frase fulminante: "No man can be a pure specialist without being in the strict sense an idiot". Ela domina e absorve. O seu exclusivismo é um detrimento para todo o conjunto. Ora, por mais dispares que pareçam, as aquisições culturais não podem constituir compartimentos estanques, impermeáveis a uma circulação geral de idéas e conceitos. Um sistema de vasos comunicantes, com o equilíbrio permanente de seus líquidos, talvez fornecesse uma noção aproximada do que deva ser uma cultura: a subida de nível em qualquer das secções do sistema determina um levantamento comum e correspondente em todos os outros, aproveitando a todo o conjunto.

Como esgueirar-se aos riscos da especialização, sem deixar de atender a suas notórias exigências e irrecusáveis necessidades? — impedindo que o espirito se immobilize numa só atitude, deparando-lhe sempre outros quadros de atividade, rasgando-lhe, ao lado da perspectiva central, outras e novas perspectivas, que, longe de perturbar aquela, apenas concorrerão para avivar-lhe os contornos e relevos específicos,

extremando-a, discriminando-a e enriquecendo-a pela comparação e pelo contraste.

Um ponto é imprescindível sublinhar e encarecer com ênfase particular. Não vos esqueçais, a prego nenhum, de enriquecer o conhecimento e aperfeiçoar o manejo da lingua portuguesa. E' ela a disciplina, por excelência, de vossa educação e de vossa cultura. Preexiste e sobreleva a todas as demais, que dela intimamente dependem — porque é o instrumento unico de expressão e comunicação de todas as outras. Só ela, possibilitando a transmissão e fixação do pensamento, possibilita a existencia das demais na qualidade de conhecimentos e experiencias incorporáveis ao nosso espirito. Só o seu uso adequado, em força, ductilidade e precisão, torna suscetível de aquisição esse mundo de coisas, que, não sendo ela, não existiriam, entretanto, sem ela. Eis porque não haverá exagero em afirmar-se que uma aula — seja de que disciplina seja — deve ser, primeiro que tudo, um modelo, senão uma obra prima de expressão.

Os povos mais civilizados sempre assim o têm entendido. Na Alemanha, por exemplo, toda a reforma educacional de 1890, que visou proporcionar á educação uma base nacional, teve como eixo o ensino da lingua alemã.

Sendo um dos vinculos mais poderosos da unidade e da solidariedade nacional, dela depende, em larga parte, a autonomia espiritual de uma nação, ao mesmo tempo que o seu cultivo ou, mais propriamente, o seu culto, constitui um dos indices da civilização dos povos.

Dentre os cinco sinais indicativos de Educação, em seu mais abrangente sentido, Butler cita em primeiro lugar o conhecimento da lingua materna, conferindo-lhe incomparável relevancia. Coletiva ou individualmente, conhecê-la com amor, adquiri-la integralmente e maneja-la adequadamente é uma questão de dignidade intelectual.

Como continuar-lhe o estudo proficuamente? Lendo ou relendo gramaticas? Eu não seria capaz de dar-vos tal conselho, nem vos faria a injuria de supor em vos tanta ausencia de visão e de bom gosto.

O famoso aforismo, si não me engano de Lefèvre. — "estudar a gramatica pela lingua, e não a lingua pela gramatica" encerra um altruismo: a sua segunda parte é evidentemente inutil, porque ensinar ou aprender a lingua exclusivamente pela gramatica é um impossivel tão impossivel como proibir por lei que se morra de pneumonia ou de desastre de automovel.

Na reforma do ensino em nosso Estado, a fascinante gravidade desse problema não escapou à cerebração compreensiva e creadora de Francisco Campos, cujos serviços à comunhão mineira representam uma dívida irregatável.

A solução, já o sabeis: é ler, mas ler o que? A resposta pode resumir-se numa palavra, palavra infelizmente malsinada e cabalística, que reúne contra si todos os sufragios do odio nascido da incompreensão, do preconceito e da falta de espirito: Literatura. E' ela o bode expiatorio de todas as falhas, erros e peccados do nosso povo. Ha crises economicas, politicas ou quaisquer outras? Culpada — a literatura a que se entrega a "élite" brasileira.

O nosso progresso não corresponde ás nossas esperanças? Culpados — os homens de letras. Fracassaram todas as republicas deste pais, velhas ou novas? — Pudera! Pois si somos um pais de poetas!... Pobre tolice, a que nem sequer socorre o merito da novidade...

Ha um equívoco singular nessa campanha primaria ou tendenciosa. O Brasil não é um pais de muita literatura: é um pais de muita literatie. O Brasil não é um povo de poetas: é um povo de metrificadores de terceira, quarta, quinta e outras ordens... O Brasil não é uma nação de numero excessivo de homens de letras: é uma nação de um numero excessivo de homens de poucas letras. Nem sequer somos propriamente uma raça de oradores, mas de discursadores, palradores e contadores de anedotas... Esta, de um modo geral, a verdade, a pobre verdade.

Não temos ainda uma literatura nossa, isto é, não temos ainda uma das marcas da civilização. Encontram-se em Carlyle estes conceitos: "Um pais que não tem literatura nacional, ou que a possui demasiadamente insignificante para rasgar o seu caminho para o exterior, será sempre diante de seus vizinhos, pelo menos em todo assunto espirital importante, um pais desconhecido e desestimado".

A mesma indigencia espirital argu'e ainda contra a literatura que ela é um entrave irreversível a todas as atividades de ordem pratica, e que os homens de ação não podem entregar-se ás cousas literarias sem prejuizo de seus objetivos imediatos.

Nada mais falso. Lenine, o grande politico da Russia sovietica, temperamento pragmatico por excelencia, respondeu uma vez a amigos que extranhavam ver-lhe nas mãos volumes de Maupassant, Hugo e Molière: "Estudo economia politica á noite, historia pela manhã. Todo o resto do meu tempo gasto-o observando a natureza humana. E Maupassant,

Hugo e Molière é que me ensinam quasi tudo quanto tenho sido incapaz de descobrir por mim mesmo. O estudo da natureza humana, meus amigos, é mais importante para nós do que o estudo da economia politica".

Bonaparte, o genio da ação, em plena campanha contra a Prussia, determinava ao seu bibliotecario, em Paris, lre-entiasse as ultimas novidades literarias e escrevia ao seu ministro do Interior: "A literatura tem necessidade de estímulo; proponha-me algumas medidas para dar impulso a todos os seus diferentes ramos".

Entre outros, que livro folhearam, durante a expedição ao Egitto, as mãos vertiginosas e dominadoras do prodigioso homem de ação? — O "Werther", de Goethe.

Recentemente, Herbert Hoover, presidente da grande Republica Americana, escrevia: "O de que este pais precisa, talvez, é de um grande poema. Alguma cousa para elevar o povo, arrancando-o ao temor e ao egoismo. Algumas vezes um grande poema pode fazer mais do que uma legislação".

Assegura ainda a mesma falta de espirito, com o entono proprio da ignorancia ou da inconciencia, que a gravidade de uma cultura scientifica é incoadunavel com o gosto literario. Outra afirmação falaciosa, oriunda de um mal-entendido a que são levadas certas inteligencias de duas ou de uma só dimensão, para as quais literatura é uma especie de tabú a espalhar feitiços e maus olhados... O apregoado antagonismo entre ciencia e literatura, ciencia e arte, não existe.

Operando em campos diversos, que não se opõem, nem se excluem, antes completam-se, uma e outras pedem, isto sim, atitudes intellectuais diferentes. Mas nenhuma dessas atitudes é mais certa ou mais legitima do que a outra. Assim, consoante escreve um dos mais illustres cientistas modernos, J. Arthur Thomson, o trato estetico, poetico ou puramente pratico de um determinado assunto pôde ser não menos legitimo que o do investigador científico. ("The aesthetic of poetic or purely practical approach to a subject may be not less legitimate than that of the scientific investigator.")

Não se esqueça, além disso, que nenhuma ciencia pôde fazer praça de uma objetividade absolutamente isenta, visto como, segundo assinala o mesmo autor, nenhuma ciencia logrou jámais despojar-se por completo dos residuos de antropomorfismo, que há no fundo de todas.

Para Bergson, que não é apenas um dos mais notaveis filosofos modernos, mas tambem um eminente matematico, a verdade scientifica é mais criação do espirito humano que da natureza exterior.

A experiência científica e a experiência estética da humanidade, bem como a sua experiência religiosa, nada apresentam de inconciliável: apenas não podem ser consideradas com o mesmo olhar; não se excluem; combinam-se e harmonizam-se para entretecer, compôr e configurar o que existe de mais valioso e mais nobre em toda a trama da civilização humana.

Literatura não é apenas fator decorativo ou simples polimento do espírito. É uma expressão da vida, um processo creador da vida, uma interpretação particular do universo, um resumo de experiências. Literatura ou arte é vida e, conseguintemente, ansiedade, inquietude, aspiração, sofrimento. . . Daí, o seu inestimável conteúdo educativo.

A nossa sensibilidade, a nossa vida interior e emocional só se educam e aprimoram ao contato da literatura, da poesia, da musica, da pintura e das artes plasticas em geral. E o que se diz do adulto, diz-se tambem, com igual justiça, da criança, que, segundo Bernard Iddings Bell, não é apenas um mecanismo de observação e uma memória, senão tambem um artista, um sonhador, uma personalidade creadora.

É, porém, a literatura especialmente que incumbe estimular o nosso instinto de curiosidade, base de todo progresso mental, enriquecer e incentivar a nossa imaginação, essa qualidade entre todas as qualidades intellectuais, a cujo impeto para a aventura e para o desconhecido deve ser atribuída vasta soma do processo da civilização; é ela ainda que apura e acera o espirito de análise e de critica, enobrecendo a intelligencia, corcando-a de um superior desinteresse, de que se originam a audacia e a autonomia; libertando-a de preconceitos e conferindo-lhe as virtudes civilizadas que são a finura, a graça, a elegancia, a medida e a precisão; é ela ainda que areja e alarga o nosso espirito e o enriquece pela massa de estímulos, que lhe transmite sob a forma de sugestões, dotando-nos, por assim dizer, de novos órgãos de apreensão e relação, capazes de captar novas mensagens dos seres e das cousas. Uma literatura é, de certo modo, uma outra forma de geografia humana: lêr uma literatura é conhecer um povo.

Atentai nas correntes de solidariedade e simpatia humana, que, graças ao seu poder de aproximação, se estabelecem entre os povos, e notai a força idealística e os ensinamentos de conduta, moral, que decorrem desses generos literarios que são a poesia e a biografia. É um signo de cultura. "Já ninguem, afirma Buttler, applicaria o epiteto de

culto a um homem ou a uma mulher que carecesse de sentido estético, do sentimento da beleza, pois teriamos razão para dizer, fundados em motivos psicologicos, que sua natureza é deficiente ou defeituosa". E si todos esses beneficios não nos sorrissem, bastar-nos-ia o bem do seu refugio, que se oferece ao nosso coração e ao nosso pensamento nessas horas vazias e crepusculares, em que, aos nossos olhos fatigados, as coisas assumem, em superficie, sinão em profundidade, outras côres, outras proporções e outro sentido. . . E' tal, em suma, o seu poderio, que seus traços fisionomicos asinalam seculos e individuam nacionalidades.

Como a poesia e a musica — esses grandes imponderáveis que, neste mundo do accidental, do precario e do efemero, acendem nos humanos uma flama do eterno ou, si preferirdes, lhes infundem o "demoniaco", no sentido goetano — a Literatura corresponde a uma necessidade organica, imanente á natureza humana.

Todo ser deve viver, frente ao espetaculo universal, cheio daquêlê espanto aristotelico, que é o principio do conhecimento. E que motivo, maior e melhor do que a Beleza, poderemos encontrar para esse espanto, que é deslumbramento e fascinação? Para ser nobre, basta que uma vida seja um esforço vertical para o Belo, uma permanente aspiração á Beleza, porque, nestas palavras de John Keats, eternas como o seu genio,

*Beauty is truth, truth is beauty — that is all.
Ye know on earth, and all ye need to know.*

O sentimento dela, que é o sentimento mesmo da perfeição, estetica, mental e moral, incorporou-se definitivamente á vossa educação, que, sendo um processo que visa integralizar-nos e totilizar-nos com a vida, estaria, sem isso, comprometida e desvirtuada, desarticulando-se e descumprindo-se o seu designio final, o seu proposito ultimo e transcendente — que é a felicidade.

A educação, que recebestes, depôs, portanto, em vossas mãos, todos os meios indispensáveis á sua conquista. Confio seguramente em que da utilização e aproveitamento continuos desses meios resultarão para o vosso transito na terra a sombra daquela arvore encantada, o perfume de suas

flôres e o sabor de seus frutos, que antecipada e legitimamente vos pertencem, e sem os quais a vida não vale a fadiga de ser vivida.

E' neste pensamento e com estes votos que, prefigurando os vossos dias futuros, comovidamente se despedem de vós o meu espírito e o meu coração.

Discurso de paraninfo aos diplomandos do
Grupo Escolar de Diamantina.

Por D. JOAQUIM SILVERIO DE
SOUZA, Arcebispo.

"Ha um ano paraninfou a turma de diplomandos neste grupo escolar um presbitero, que, si atenta a origem grega desta palavra, não se pôde considerar moço, longe está daquela juventude servil de que fala Catão; e, si algum mal-doso lhe quisesse atribuir ansianidade, teria de recorrer ao Livro da Sabedoria no lugar em que diz que a veneravel senectudo não se computa pelo numero dos anos.

Era realmente um adolescente, no sentir de Varrão e de Santo Isidoro, e, por isso, sem haver contradição nos termos, presbitero (*senior*) no vigor da idade a paraninfoar os que ainda não haviam passado a primavera da existencia. Era o verão em face dos arrebois.

Deu S. R. o provavel motivo de sua eleição para a tarefa: si não me falha a memoria, sua simpatia para com a meninada, e talvez melhor teria dito: seus espirituais cuidados para com ela.

Um dia, manhã ou tarde, não me lembro, crianças pertencentes ao devoto femineo sexo, de mim se acercaram em rancho, como diria Filinto Elysio, e, inspiradas quiçá por cutrem, me convidaram para o mesmo, importante encargo neste ano.

Curto era o prazo, maiormente para quem moureja com multiplas occupações de ordem superior, e no ocase da vida sente o tardo da memoria, o inerte da imaginação, inativa a intelligencia, sem brillantismo a fantasia.

Não me recordei do animo senil de que fala Tito Livio, nem de que as vezes ha na velhice estulticia e delirio, e que alguem, num discurso, com a maior simplicidade e excelente bem querer, já saudou minha veneranda decrepitude.

Sem indagar a razão do convite, dei assentimento.

Seria que, sem o conhecerem, fossem guiadas por aqui-lo de Ovidio: *Magna fuit quondum capitis reverentia cani, Inque suo pretio ruga senilis erat?*

Seria (o que mais me agrada) que lhes iluminasse a mente e o coração a augusta, fraternal palavra de Jesus: *Sinite parvulos, et nolite eos proibere ad me venire?*

Como quer que seja, aqui estou no desempenho do compromisso.

Um dia em que se encarecia, na presença de Guilherme de Humboldt, a grande erudição historica de Christiano Kunth e a sua extrema prolixidade, disse o eminente filologo: "E' verdade; mas quando o ouvimos explicar historia, teria-mos desejo de ser Adão, porque a historia ainda era breve".

Breve, mas quanto comporta o assunto, pretendo ser. Algo direi sobre a educação chamada nova, que, por estar na ordem do dia, é materia quasi obrigatoria.

Da puericia algumas de suas excelencias e alguns de seus incontestaveis defeitos apontarei.

A's heroínas, que carinhosamente cultivam o espirito e o coração da prole intellectual na alvorada da razão, ligeira, merecida homenagem.

Será tudo novo na escola nova?

Os professores bem sabem que o problema da educação tem variado com os seculos e, ainda mais, que as reformas aparecem em muitas nações, sem se excetuar a nossa, de quatro em quatro anos, demonstrando-se destarte que esta magna questão, de que depende o futuro de um povo, recebe solução provisoria apenas, jámais definitiva.

Smelter, inspector das escolas de Bruxelas, presidente da Liga Belga de Ensino, aconselha a construção de estabelecimentos escolares sómente provisorios, que possam ser demolidos de 50 em 50 anos ou facilmente adaptaveis ás proximas concepções pedagogicas.

Congressos varios se têm celebrado nestes ultimos tempos, para se combinar uma educação mais eficaz e adaptada á sociedade actual.

Basta citarmos no velho mundo o de Calais, em 1921, o de Elsenour, em 1929, o de Nice, em 1932, no qual houve 1.600 representantes pertencentes á cincoenta e duas nações diferentes. E' este o sexto Congresso mundial da Liga Internacional para a educação nova.

No principio de agosto deste ano, reuniu-se em Anvers o Congresso do ensino cristão.

Cresce, pois, a olhos vistos, o interesse dos educadores do mundo para pôr a educação de acôrdo com as exigências da evolução social.

Substituir a disciplina baseada no constrangimento e mêdo das punições pela doçura e afeição; desdobrar-se a iniciativa pessoal do aluno e sua responsabilidade; favorecer a colaboração entre todos os membros da escola, de modo que mestres e alunos compreendam o valor da diversidade dos caracteres e da independência do espirito; levar o aluno a dar apreço à sua propria herança nacional e a acolher com júbilo a contribuição de outras nações para a civilização humana universal; fazer que o aluno compreenda a complexidade da vida social e economica de nosso tempo; dirigir-lhe a educação de modo que corresponda às suas exigências intellectuais e afetivas; estudar os variados temperamentos dos alunos para lhes aplicar a educação congruente; fornecer-lhes ocasião de se exprimirem segundo seu caráter distinctivo; induzir o aluno a agir em harmonia com o ideal interior; dar-se importância aos exercicios físicos. — eis, em síntese, algumas idéas, já ventiladas ou simplesmente expostas em Congressos, já adotadas nos novos métodos, e que os educadores se occupam de traduzir em pratica.

Pelo simples enunciado della, claro se vê nem tudo é novo, e que algumas requerem no professor intelligência não comum, raciocínios desenvolvidos, conhecimentos variados, requisitos que não existem em grande copia de pessoas.

No seculo 14, Gerson, que escreveu o *Tractatus de parvulis ad Christum trahendis*, colocava acima das faculdades intellectuais na pesquisa da verdade as faculdades afetivas, que conduzem ao amor.

Tratando da luta do menino contra os proprios defeitos e suas mais subteis manifestações, êle diz: "Como se trata de armar uma vontade e não de curvar um musculo, necessario é que a firmeza se inspire de amor incontestavel".

Visita um mosteiro, onde se educavam alunos em grande numero, Santo Anselmo de Cantuaria, nascido em 1033 e falecido em 1109, e ministra ao superior lição de mestre.

Notando que os alunos eram macambuzios, desconfiados, tímidos, sem graça, inquiriu a razão desse phenomeno, e dizendo-lhe o reitor que eram tão desinteligentes e aparvalhados que, quanto mais surzidos eram, tanto peores ficavam, acudiu-lhe com a observação: "Não é assim que se educa. A arvore que comprimissey de todos os lados, não bracejaria ramos, não daria frutos, nem sequer poderia viver. A alma

do aluno é planta delicada; deve ser cultivada com doçura e afeição", concluiu o grande Arcebispo.

Era uma como applicação da palavra do Psalmista: *Quorum filii novellae plantationes*.

Santo Agostinho, que todos sabem não é de hoje, escreveu que para aprender, vale mais a espontanea curiosidade do que o temor: "Hinc satis elucet maiorem habere vim ad discenda ista liberam curiositatem quam metulosam necessitatem". Os meios persuasivos, escreve êle numa epistola, são, sem duvida, os melhores, mas nem por isso são para descuidados os que não são tais.

A disciplina moderna não é inovação sem precedente: a suavidade na educação e a responsabilidade do aluno eram sempre inculcadas na pedagogia a que chamam antiga, embora sem exagerações, e ainda que assás de vezes transecuradas na pratica.

E de fato, tão transecuradas, que dizer se pode terem a férula, o latego e a vara reinado nas escolas seculos e seculos.

Citei Santo Agostinho.

Pois bem, quatro seculos antes dele, Horacio, escrevendo a Augusto, num seculo de brilhante civilização, dá ao seu preceptor Orbilio o epiteto de *plagosum* (fazedor de chagas, espancador).

O grande Luis 14 não só passou pela mesma disciplina de castigos físicos, mas ao marquês de Moutausier recomendou que os applicasse ao grande Delfim.

Um professor dissidente, no seculo 17, fez um calculo moderado dos castigos físicos por êle applicados durante cincoenta e um anos. As bastonadas foram 911.517, as varadas 240.100, os tapas 136.715, os piparotes e coscorões 1.115.800, as pancadas com reguas nos dedos 20.982, etc. etc.

Esta estatística nos faz arrepiar as carnes. Naqueles tempos, não tanto. . . Mudam-se estes. Entretanto, o que não se pôde olvidar é que a autoridade moral de quem ensina deve se impôr.

A liberdade absoluta dos alunos produz lamentaveis desordens.

Haja no professor vontade suave, mas firme, de se fazer obedecido; no aluno, compreensão da necessidade da ordem e do trabalho e vontade propria applicada ao dever.

Nisto a harmonia das respectivas responsabilidades, e daí na vida escolar a satisfação, que se manifesta, não por jovialidade impetuosa, mas por maneiras exteriores que exprimem o ambiente alegre em que vivem mestres e alunos.

S. Francisco de Sales dizia que uma santidade triste é uma triste santidade, e a bemaventurada Maria da Encarnação repreendia suas filhas quando eram excessivamente serias, como si estivessem tristes.

Não de teoria somente, mas praticamente, por textos escolhidos, o aluno aprendia na educação, em geral, pois não me refiro só á primaria, aprendia (digo) a estimar, como precioso tesouro, não só os grandes vultos nacionais, os gestos e as lições dos que já tinham ido ou ainda existiam, mas a recolher o que de bom lhe ofereciam outras nações.

"Mais coisas e menos livros", um dos primeiros princípios dos métodos novos. Isto quer dizer: pôr o aluno em contáto com as realidades.

Elas falam mais diretamente á inteligência do que as palavras. E' o velho: *Verba movent, exempla trahunt*.

S. Bernardo, abade de Claraval, nascido em 1091 e falecido em 1153, já dizia a seu discípulo que êle aprenderia mais na floresta do que nos livros.

Pondere-se, porém, que, embora as realidades tornem a escola mais unida á vida, os fenomenos sensíveis não devem impedir no aluno a concepção abstrata; ao contrario, suprimida ficaria a cultura literaria. Engolfado sempre no concreto, onde iria parar a educação espiritualista do aluno?

Segundo os novos métodos, a competencia egoista deve desaparecer da educação.

Que homem de bom senso discordará deste princípio ?

Por isso, ensaios se fazem para suprimir a classificação entre alunos, a qual deve ser substituída pela cooperação, que, além do mais, ensina o respeito ás decisões tomadas em comum. Por ela se combate no aluno o egocentrismo. Lembremo-nos de amor proprio, exclusivo, que faz o menino referir tudo a si; êle é para si o centro de tudo, sofre de solipsismo, como diria talvez Castilho.

Para combater este defeito o aluno deve se pôr a serviço da coletividade. O trabalho individual é coordenado para o coletivo, e os alunos, auxiliando-se mutuamente, adquirirão o hábito de compreensão uns dos outros.

Um dos pioneiros da educação nova, Profit, apresenta a "cooperativa escolar" como o melhor modo atual das sociedades infantis, e chega a dizer que ela pôde crear a sociedade futura e sua moral.

Mas, *est modus in rebus*. A socialização sem restrições não irá implantando nas almas das crianças o comunismo?

Alguns congressistas em Nice declaram sem reboços, como afirma Datin, cujo trabalho aproveitou, que é impossível uma reforma seria da educação na "sociedade burguesa" em que vivemos.

Quanto a poder crear a moral da sociedade futura, quem não vê o exagerado da pretensão, da sua inutilidade ou, melhor, sua perniciosidade ?

A moral sem Deus é a barbaria comunista.

O orgulho do aluno é combatido pelo fato de serem os trabalhos feitos em colaboração, segundo o método Cousinet. Excelente o ideal, e esse combate sempre se travou na educação cristã, mas com arma de maior precisão, que tais são, sem desprezar os outros, os motivos sobrenaturais.

Ao docente toca, na colaboração, aguda vigilância, para que o estímulo individual não padeça prejuizo, e não se torne real o perigo de inercia para o aluno propenso á desidia.

Mais ou menos aparente, mais ou menos intensa, sempre houve colaboração, ainda que não se falasse nela.

Interrogado um congressista em Nice si os alunos das escolas Montessori se distinguem dos outros, respondeu: "Sim, por um pouco mais de insolencia".

Em suas reflexões sobre a educação nos Estados-Unidos, a senhora Lucia Mardra, diz: "Primeiro resultado desse sistema: Nada mais insuportavel do que um menino americano. Mas, parece, tudo se arranja quando vem a puberdade".

A iniciativa pessoal não é tão nova como possam preterender seus hodiernos partidarios.

De todo em todo passivo nunca foi o regime da pedagogia cristã.

Quem estuda Santo Thomas vê quanto campo era por êle aberto á iniciativa; sua regra é propôr a tese pela negativa, para que o aluno prove o contrario, pelo proprio esforço.

Apresentar o pró e o contra em cada questão, para que o aluno se habitue a refletir e escolha por si mesmo, sob sua reponsabilidade, o que julgar certo, é processo seguido na escolastica, tão malquerida daqueles que a ignoram.

Induzir o aluno a agir em harmonia com o ideal interior.

O ideal interior há de necessariamente ser nobre, elevado, licito. Qual o tipo pelo qual se há de aferir a liceidade desse ideal senão a moral marmorizada no Decalogo ? Si assim, muito bem. Nesta formação do cidadão sempre prosseguiu a educação cristã na familia, na escola, no pulpito.

na imprensa, condenando a manifestação de sentimentos que não se tem ou a hipocrisia.

O padre Vieira não fala em católicos de credo e protestantes de mandamentos?

Dar importância aos exercícios físicos

Ninguém pôde pensar que a educação cristã exclua ou tenha em pouca importância tudo o que pôde dar ao corpo, nobilíssimo instrumento da alma, agilidade e solidez, graça, saúde e força verdadeira e boa, com tanto que seja nos devidos modos, tempos e lugares; evite-se tudo aquilo que mal se acomode com a circunspeção e compostura, que são o grande ornamento e presidio da virtude, e se afaste todo incentivo de vaidade e violência, escreveu o Sumo Pontífice, reinante.

Transformar em individuo util à sociedade um anormal é a aspiração que não data de hoje; basta conhecer a historia. Mas sua educação, de tanto valor, ainda taceia nos métodos.

Nada direi sobre o *behaviorismo*, agora muito em voga nos Estados-Unidos do Norte, porque seu chefe actual declara que sua teoria se funda nas pesquisas e experiencias feitas nos animais inferiores ao homem, visto este differir daqueles sómente no "tipo do comportamento", que isto diz a palavra inglesa.

Em resumo — "Preparar no aluno não só o futuro cidadão, capaz de cumprir os deveres para com seus concidadãos, sua nação e a humanidade, mas ainda o homem conciente de sua dignidade", não é principio novo. Sempre se quis fazer isto na educação cristã, mas não se esqueçiam, nem na nova educação se pôde esquecer, os deveres para com Deus, sob pena de não ter ela base solida.

Multiplicam-se os inventores de novas teorias pedagogicas.

Com effeito, há, para apontarmos apenas alguns metodos, o da doutora Montessori e de Agazzi, o de Decroly, de Mullot, de Profit, de Cousinet, de Demolins, de Pestalozzi, etc., fundados todos em observações psicologicas, mas distinguídos por suas tecnicas materiais variadas, e não raro muito diferentes.

A doutora Montessori diz que os meninos por ela instruidos, podem em nove meses ver todo o programa primario, e assim ter direito a tres annos de ferias no momento da puberdade. A esta informação ajunta ella que o nudismo pôde ser considerado como mortificação muito cristã, pois ás vezes os exemplares exhibidos seriam pouco esteticos...

E é uma senhora, e educadora que tem estas idéas.

Viu-se que nem tudo é novo na educação nova.

Será tudo aceitavel? Precindindo das falsas teorias em que se fundam, alguns metodos, enquanto não contradizem a reta razão e a Fé e se acham em harmonia com a educação cristã, são aceitaveis; e, como contribuem para notavel melhoramento pedagogico, são real progresso na ciencia e na arte da educação. O progresso não é o abandono completo do passado, mas melhoramento do que ele nos herdou, preenchimento das lacunas, repudio do errado.

Metodos ativos já têm sido empregados na educação religiosa. E' ver o padre Quinet na obra "Para os meus pequeninos: Lições de Catecismo evangelico pelos metodos ativos".

Deploravel é, porém, verificar-se que no geral se põe sómente na felicidade terrena o fim ultimo da educação, a qual, como diz Katarott, "a procura na obscuridade, destina talvez a jamais encontrá-la".

O estado catolico do mundo actual, diz Piaget, não é devido sómente a causas politicas e economicas, mas principalmente a razões psicologicas e morais. Ora, não estamos adaptados para essa situação. Não a comprehendemos ainda, nem moral nem mesmo intellectualmente.

A nobreza da educação, seu verdadeiro fim, é formar o homem para seu destino immortal, e sem a religião não pôde haver "verdadeiro aperfeiçoamento moral do individuo e da sociedade para a felicidade commum", de que fala Katarott.

Si Deus não edificar a casa, em vão trabalharão os que a edificam; si elle não guardar a cidade, de balde vigia quem a guarda, diz o Psalmista.

Só Christo, diz Taine, tenacissimo positivista, pôde manter na sociedade a doçura, a benevolencia, a humildade, a boa fé e a justiça.

As excellencias que no menino se vêem têm seu ideal completo em dois seres perfeitos: Jesus e Maria.

Si a psicanalise, a que temido polemista inglês chama confissão sem a salvaguarda do confissionario, não conseguiu ainda realizar, no menino, estudo perfeito, tambem a suprema beleza daquele tipo ideal é ter escapado ás indagações humanas da historia.

Um homem feito é o que tem de ser: bom ou mau, muito mediocre ou sem valor apreciavel. O menino ainda será uma dessas coisas, e pode-se esperar que, em adulto ou homem, seja excelente cidadão. Elle não é um vencido. Sua fraqueza pôde fazer nascer em nós a confiança de sua grandeza.

"A fraqueza do velho, escreveu Sizeranne, é decadência; a do menino é esperança".

Cada idade do homem tem sua perfeição, uma sorte de madureza que lhe é própria, diz Soignon, lastimando que seja o semilouco Rousseau que se tinha exprimido e sentido assim.

Qual é a perfeição da infância?

O menino é a flor humana, e a flor não é apenas um acessório, o fruto-tudo. A elegancia da flor, sua pureza, seu esplendor, receiam o olhar; dão alegria aos campos; engalanam a virgindade; ostentam a opulencia dos grandes; enfeitam os lares dos pobres; valorizam por sua larga e alta significação, no sentir da diplomacia, as delicadas iguarias de seus jantares; elevam ao Deus vivo de nossos templos, com o maço, o aveludado, a frescura, o gracioso sorriso de suas pétalas, a calorosa homenagem dos que não alcançamos, com a multiplicidade das palavras, exprimir a intensidade do nosso amor.

Chama-se também flor a parte mais apreciavel, o escol, de um todo, a parte mais fina, mais sutil de certas substancias. A infância é isto.

E tão sutil que os gergens mesmos do seu futuro nos escapam à análise, e, como profundo misterio, nos provocam sempre à curiosa, scientifica indagação.

E não é este o unico, grande, valor do menino.

"Sua caricia, disse Lucrecio, adoça a natureza agreste dos adultos".

"Todas as tristezas de nosso coração dissipam-se ao seu olhar, como a neve ao sol", escreveu Sully Prudomme.

Nessa fraqueza, que é o proprio dele, depositou Deus uma força imensa: ele faz que o homem, e a mulher sobretudo, se exaltem até essa imagem do amor divino, que é o amor materno, diz Soignon.

Mas a atividade do espirito de alguns ao menos parece ser unicamente para brincuecos e passatempos, e o fato excita os nervos de pais e educadores.

Deploravel é que os haja inquietadores de transeuntes, irreverentes, turbulentos, dissipadores do precioso tempo.

Não são esses os brincos da innocencia, os licitos e até necessarios; são vicios a serem corrigidos. Note-se, entretanto, que todas as coisas têm seu tempo, até o calar e o falar, como diz o Ecclesiastes.

Note-se também do quanto é capaz o menino formado na escola das virtudes cristãs. Lembremo-nos da intrepidez dos meninos e meninas do Mexico ante a tirania dos opressores de sua consciencia e da palavra de Guido de Fontgalland

às portas da eternidade, aos 11 anos: "Medo não tenho, mãe, nem da morte! E' a porta do céu!"

Deus depôs na alma do menino pelo Batismo todos os seus dons. Necessario é que se lhe dê, e ele conserve, a consciencia deles e os queira viver.

A vós também, incançaveis professoras, heroicas operarias do futuro da sociedade, cumpre esta alta missão.

Vosso ministerio é muito semelhante ao nosso sacerdotio, dir-vos-ei com Pio XI: "Sois participantes do nosso divino magisterio. Ide e ensinaí, disse Jesus aos seus apóstolos".

Que é que fazeis vós?

Ensinais.

Esta a vossa occupação, esta a vossa Cruz, nem sempre leve, mas sempre gloriosa, porque a familia, a sociedade civil e a religiosa estão em vossas mãos: *In manibus tuis sortes meae*.

Um grande general que ganhou a vitoria em formidavel guerra, uma das maiores que a historia registra, respondia aos que lhe apresentavam congratulações: "Não fui eu quem ganhou a vitoria; ganharam-na os bons mestres."

Ele havia tido ás suas ordens cidadãos fortes, consciences do dever, disciplinados."

Cada aluno tem suas aspirações, sua vocação, suas fraquezas, suas inclinações, boas ou más.

Em torno deles mantendo atmosfera favoravel ao desenvolvimento do bem e á extincção do mal, á vida sobrenatural, Dedicación inteligente e constante os imunizará de contagios perniciosos, e os auxiliará nos esforços progressivos para aquisição das virtudes evangelicas, cuja pratica, como dizia Clemenceau, basta para resolver a questão social.

Guardai-os contra as promiscuidades que favorecem o vicio.

Pretende-se que as delicias de Capua enervaram o exercito de Annibal.

Para os alunos que vos confiam sois mães, participais da maternidade da Igreja e dela recebeis fecundidade virginal.

Numa pagina eloquente Romier diz que "a mulher criou a casa; criou, senão a arte, ao menos o senso da arte, pois direta ou indiretamente provocou, inspirou e orientou o genio de quasi todos os artistas; criou o gosto, que, sob o duplo carater de permanencia e mobilidade, reflete o carater feminino; criou mais ou menos todas as formas agradaveis da vida civilizada".

Mas de Deus, digo-vos eu, recebestes as prendas de espirito e de coração para a excelsa missão de educadoras. Como pela boca da filha de Pharaó á mãe de Moisés, ele é quem diz a cada uma de vós: "Recebe esse menino e cria-o para mim e eu te darei tua recompensa."

A vós, caros diplomados e diplomadas, que vêdes coroados vossos trabalhos, meus parabens.

No estadio da vida educacional terminastes apenas a primeira fase.

Muito vos fica ainda por andar. Luta não menos ardua ideis travar nos anos seguintes.

Estudai, mas vosso olhar esteja sempre fixo na luz eterna. Escutai os sabios, mas vossos ouvidos estejam sempre prontos a escutar os doces acentos de vosso Amigo celeste.

Quem assim falava é Ampère, autor da classificação das ciencias e inventor do telegrafo electrico.

Abençõe nosso bom Deus vossos passos!

NOTAS E COMENTARIOS

O artificio na escola

O nosso regime escolar padeceu, por muito tempo, dos males da ficção. O artificialismo empolgou a vida toda da escola e dominava, quasi soberano, a sua organização, o regime de trabalho, as actividades. E tanto e de tal modo a sua influencia se exercia que o contaggio desse grande mal se reflectia ja no professor e nos alunos.

As lições na escola esta-

vam cheias de artificio, os gestos e as attitudes do pessoal de ensino e dos educandos, seguindo o mesmo ritmo, obedeciam a formulas ridiculas de convenção que se desdobravam em regras, regulando a entrada e a saída da classe, a maneira de se pôr e de se portar sentados, como receber o visitante, como e quando responder ás arguições e qual a attitude

mais conveniente quando se ia "dar a lição".

Nas horas certas e em tempos certos, ministrava-se o ensino regulamentar, descansava-se ou trabalhava-se, seguindo apenas as possibilidades e as necessidades que marcava o ponteiro do relógio e conforme determinação da autoridade. Eram as lições marcadas de antemão, que o aluno recitava de memoria, eram os exercicios de classe sob modelo, eram os deveres feitos em casa, que se exhibiam ao professor, para corrigir e dar nota. Não havia lugar para as iniciativas dos alunos e nem se permitiam as expansões de sua personalidade.

O tempo era pouco para cumprir o horario e o regulamento. E, ademais, as autoridades andavam aí, atentas, vigilantes... era preciso cumprir o regulamento.

Havia ainda que cuidar da disciplina, vigiar que os alunos estivessem sempre quietinhos, na entrada, na saída, na classe e... no recreio.

Mecanismo, dogma, rigidez de forma, eram os caracteristicos do trabalho escolar.

Num regime assim firmado, fruto aliás de uma falsa concepção da escola, de sua significação e de seus fins, era

natural que a ficção, o engano, a fraude penetrassem os dominios da escola. Era natural que se procurasse falsear e fraudar resultados que se exigiam fóra e acima das capacidades dos alunos, fóra e acima das possibilidades materiais e do esforço do professor.

Hoje, porém, quando tudo está mudado; quando se tem da escola e de sua finalidade uma concepção mais justa e razoavel; quando os programas e os regulamentos, nas suas exigencias, têm em vista a criança, por sua natureza, os seus interesses, as suas capacidades de inteligencia e de esforço; hoje, quando já se faculta ao professor, dentro de limites bastante amplos, organizar e encaminhar o seu trabalho na forma e na direção que mais convenha; hoje se não admite e não se pôde tolerar perdurem ainda na escola formas de artificio e de ficção.

E' tempo já de entrar a escola em pleno dominio da realidade e da sinceridade; é tempo de os trabalhos e as realizações escolares passarem a ter formas e feitio mais caracteristicos e mais proprios; é tempo de procurar a escola firmar e definir o seu verdadeiro papel que é educar "para a vida e pela vida".

Oscar Arthur Guimarães.

T R A D U Ç Õ E S

A educação das crianças retardadas

POF ALICE DESCOEUDRES

INTRODUÇÃO

A tarefa do educador dos anormais é considerado um rude mistér: basta empreendê-la para logo recolher testemunhas de simpatia, às vezes tocada de uns laivos de compaixão. Não é sempre fácil, sem duvida: estamos às voltas, não só com inteligências taradas, mas também com caracteres difíceis, não raro com crianças esquecidas, sujas e mal educadas. O alimento intelectual, que nem sempre é fácil de preparar aos normais, deve ser ainda triturado de cem maneiras diversas para se tornar acessível aos anormais: é preciso excogitar os meios mais diversos de excitar-lhes o interesse, despertar e manter-lhes a atenção, desenvolver-lhes a vontade, captar-lhes a confiança, firmar-lhes o caráter. Mas é justamente a dificuldade da tarefa que a torna interessante: cada criança se afasta, muito mais que os alunos ordinários, da criança-tipo — essa criança-tipo que afinal já mais se encontrou sinão nos manuais de pedagogia obsoletos; — cada aluno constitui uma individualidade psicologica interessante, — um pouco analoga a “belos casos” tão caros aos medicos — ao mesmo tempo que um pobre entezinho, inferior sob os pontos de vista intelectual e moral: tendes em cada criança um problema psicologico a resolver, ao mesmo tempo que uma criança que, mais do que qualquer outra, necessita de nosso auxilio. Indigir essas lacunas, descobrir o que, nela, permaneceu são, procurar os meios de encaminhar-lhes á intelligencia a maior soma possível de conhecimentos necessarios á vida, applicando-se ao mesmo tempo a fortificar essa debil intelligencia, a aumentar a sua força de atenção, a desenvolver-lhe o coração e a vontade, — pôde-se

conceber tarefa mais cativante? Nenhum daqueles que se votaram com todas as veras a esse trabalho deixará de confirmar o meu asserto.

Mesmo assim, a educação de uma criança anormal exige, de parte do educador, ao lado de muita paciencia e dedicação, conhecimentos psicologicos e pedagogicos muito especiais. Até agora, — mau grado a literatura muito abundante destes ultimos anos — não existe ainda, ao que sabemos, em lingua alguma, um manual pratico que possa servir de guia (1), quer aos mestres especiais eles proprios, quer aos numerosissimos professores que tenham em suas classes alunos retardados que não podem adaptar-se ao ensino, quer aos pais que tenham de realizar a educação de um filho anormal, longe de qualquer estabelecimento de ensino, especial. Como é de prever que a época de miseria e de espanto que atravessamos multiplicará, durante algum tempo pelo menos, o numero das crianças irregulares, resolvemos reunir, juntando a isso algumas de nossas experiencias pessoais, o que a literatura oferece de mais util com referencia a esse trabalho; esperamos assim vir em auxilio da infancia inte-

Talvez o nosso trabalho aproveite também a uma grande porção de crianças normais que, seguindo a custo a fileira ordinaria das escolas, teriam tudo a lucrar em que as primeiras aquisições do saber lhes fossem apresentadas sob uma feição mais concreta.

Tinhamos dado em apêndice um resumo dos tests que compõem *A Escola metrica da Intelligencia, de Binet-Simon*. Como esses tests foram editados posteriormente, suprimimo-los nesta nova edição. Folgamos de que o Instituto J. J. Rousseau houvesse por bem encarregar-se da publicação deste modesto “guia”, e exprimimos aqui ao seu diretor, o sr. professor Pierre Bovet, os nossos agradecimentos mais profundos pela sua preciosa colaboração.

(1) Assim acontece pelo menos sempre que as nossas escolas pertencem ao antigo tipo escolar; eu ouvia, na Dinamarca, exprimir a opinião de que se o ensino se tornasse cada vez mais individual, poderiam suprimir-se sem inconveniente as classes especiais). Em geral, e das pobres vítimas da crise actual, em particular.

CAPITULO I

Generalidades

A. O ensino especial util aos anormais e aos normais. — B. Historico. — C. As crianças anormais: definições e classificações. — D. Exame dos retardados: a) Exame pedagogico; b) Exame psicologico; c) Exame medico.

A. O Ensino especial, util aos anormais e aos normais.

A educação dos anormais é uma questão a respeito da qual as opiniões se dividem. Sem duvida, é geralmente nos países de instrução adiantada é que esse ensino está organizado; ai é que se reconheceu que é igualmente util para as crianças e para os mestres das classes normais o desembaraçarem-se de um peso morto, e, para os examinandos reparações de instrução adiantada que esse ensino está organizado, decididamente refratarios ao ensino normal, o serem dados á parte. Sobre esse ponto estão todos de acôrdo, (1) e a existencia de classes de anormais é, geralmente, um indice da boa organização das classes de normais.

Mas acontece, não raro, mesmo nos países em que a gente se consagrou a este ensino com mais ardor, que, passado o primeiro movimento de entusiasmo, chega-se, collocando-se no ponto de vista social, a perguntar até que ponto convém consagrar tanto dinheiro, tantos esforços, muitas vezes as melhores forças do pessoal docente, a crianças que não passarão nunca, por mais que se faça de meios valores sociais. Ha evidentemente nesses escrupulos uma parte de verdade. Ha entretanto outra maneira de encarar a questão.

Permanecendo no terreno social e humanitario, não tem a sociedade o dever de desenvolver, na medida do possível, pobres seres, muitos dos quais — não todos — são as vitimas dos vícios de nossa actual organização social; porquanto é nos grandes centros industriais, em que as condições são mais desfavoraveis, que se vê crescer a proporção dos anormais. Não é um dever substituir ao supplicio, que a escola normal é para essas pobres crianças, na escola comum, uma vida escolar mais conforme com os seus gostos e as suas aptidões, deparar-lhes assim um pouco dessa felicidade de que serão largamente alimentadas depois da escola?

Mas é sobretudo considerando a questão sob o ponto de vista pedagogico que os sacrificios consentidos em favor da infancia anormal se acham plenamente justificados, porque o resultado dessa adaptação da escola a inteligencias debéis foi crear processos, métodos, que não se mostram em

nos excelentes para normais; só citarei para prova as duas lições de cousas que nos são dadas, nessa ordem de idéas, pela doutora Montessori, em Roma, e pelo dr. Decroly, em Bruxellas.

Não há, nesse fato dos serviços que a pedagogia dos anormais presta á dos inteligentes, nada que não seja muito explicavel. Nosso ensino inteiro, o da lingua materna como o de não importa que outro ramo, repousa no dogma, na rotina: informaram-nos que era mistér ensinar isto e não aquilo, desta e não de outra maneira, em tal ordem. — Porque? — Misterio. Obcecados pela nossa preparação pedagogica dogmatica, não percebemos até que ponto a rotina é ainda poderosa na educação actual; quando muito, temos dísso uma suspeita, e o dessa suspeita foi que nasceu o Instituto J. J. Rousseau. As paginas seguintes resumem o nosso ensino nessa escola.

E' desde já bem natural admitir que o estudo das anomalias mentais dos anormais, as difficuldades quasi insuperaveis que o ensino ordinario apresenta para eles, vão permitir-nos tocar com o dèdo nas lacunas e nos vícios desse ensino — e sabeis que a distancia não é tão grande, sobretudo depois das desordens da guerra e do após-guerra, entre os retardados oficialmente reconhecidos como tais e bom numero de alunos das classes anormais.

Final, os fatos ai estão para confirmar essas presunções: frequentemente acontece, em todas as nossas classes especiais, que um aluno, até então insupportavel numa classe ordinaria, se torna de um dia para outro uma criança sofrivel, agradável até. Tais fatos dizem mais do que as palavras, sobre as cousas do insuccesso de tantos mestres do ensino normal e sobre os remedios que cumpriria dar a esse estado de cousas.

Os caracteres do ensino especial são justamente os sonhados pelos partidarios de uma pedagogia renovada quanto mais movimento, quanto mais trabalho manual, menos palavras, a intuição levada muito mais longe. Assim, mais de um educador competente opina que todos os que se destinam ao ensino, á educação dos anormais, em todo caso, deveriam fazer um estagio com anormais, ai estudar todos os tipos psicologicos, tão diversos, as difficuldades do ensino e os meios de acabar com essas difficuldades.

B. HISTÓRICO

Trataremos muito sucintamente do lado *histórico* da educação dos anormais, porquanto essa questão foi tratada por inúmeros autores. (1)

Releva assinalar antes de mais nada que, desde séculos, ha gente que se ocupa dos cegos, dos surdos-mudos, de uma parte, dos idiotas profundos, de outra, sem cuidar dos pacientes menos enfermos a que hoje chamamos anormais e retardados. — Só no século XX é que se começa a tomar a sua causa a peito. Uma das primeiras obras aparecidas a respeito desse assunto, uma obra-prima, (2) retrança as tentativas de um medico, colimando educar um menino que tinha vivido em estado selvagem percorrendo as florestas até á idade de doze anos. — As escolas para anormais, de Bicêtre e da Salpêtrière, bem como a de Seguin, em Paris, se abrem uns trinta anos mais tarde. Foi na Holanda que Fokke Ines Kingma, pedagogo neerlandês, fundou em 1835, em Amersfoort, o primeiro asilo para crianças perturbadas de palavra.

Na Suíça, o primeiro asilo de anormais foi fundado, em 1841, pelo dr. Guggenbuhl, perto de Interlaken; seu fundador fez obra de propaganda e atraiu a atenção da Europa inteira para essas infelizes crianças que, não sendo inteiramente, idiotas, não podiam, entretanto, ser educadas com todas as crianças. A tentativa de Guggenbuhl falhou, mas *asilos para anormais* não tardaram a abrir-se, e logo a multiplicar-se, na Alemanha, e na Inglaterra em primeiro lugar.

Sómente ha cerca de 40 anos foi que, depois de se ter tratado dos anormais profundos, se compreendeu que, em varios países simultaneamente, muitas crianças anormais e retiradas constituíam, para as classes normais, um peso morto, ou um acrescimo do trabalho — conforme a profundidade da anomalia e a qualidade dos mestres — e que cumpria cogitar delas separadamente. Foi essa a origem das *classes especiais*: A primeira foi fundada em Halle, na Alemanha, em 1863; a primeira classe especial, na Suíça, foi aberta em Coire, em 1881.

(1) Citemos a brochura do dr. Naville: *Du rôle des classes spéciales dans l'éducation des enfants anormaux*, Genebra, 1910.

(2) Itard, *De l'éducation d'un homme sauvage ou des premiers développements phisiques et moraux du jeune sauvage d'Aveyron*, Paris, ano (1801); réédité par Bonneville, 1894.

Desde então, asilos e classes especiais se multiplicaram rapidamente, graças quer ao processo da inspecção medica e pedagogica das escolas, quer (ai de nós!) tambem graças ao progresso do alcoolismo, da miséria e da devassidão. — A proporção das crianças anormais com relação á população escolar total é, na Suíça, mais ou menos a mesma que nos países vizinhos, ou seja 15%. — o que dá no conjunto dos 500.000 escolares, da Suíça, cerca de 7.000 a 8.000 retardados e anormais (só para Genebra pôde-se calcular cerca de 150 a 200 crianças em 12.000).

Em 1929, a Suíça contava 205 classes especiais, com 3.704 crianças, das quais 2.124 meninos e 1.580 meninas; e 33 internatos, com uma população de 2.057 crianças, cujo numero varia de 7 a 229 por inslituto. Isto nos dá um total de 5.761 crianças: quer dizer que não apresenta ainda são tres quartos dos pacientes que são tratados, ao passo que um quarto estão ainda privadas dos cuidados e da educação desejaveis. A Suíça foi o primeiro Estado, cuja lei em um artigo dispõe que as crianças debeis de espirito não deviam ser preteridas nas obrigações escolares dos cantões.

E' ainda em todos os países que a *maioria das crianças deficientes são ainda abandonadas á sua infeliz sorte*. Cumpre dizer que, — ao lado dos pais que se esforçam por occultar o retardamento dos seus filhos — a organização deste ensino é tão complexa e atualmente ainda tão imperfeita, a crise atual é tão contraria ao progresso pedagogico, que não ha razão de espanto, se á falta de luzes, de certeza, não raro tambem falta de fundos suficientes, não se vai mais depressa nesse mister. Trataremos sucessivamente, nesta parte geral: das *crianças* de que se occupa o ensino especial, da *organização* desse ensino, e das *obras post-escolares*.

C. AS CRIANÇAS ANORMAIS

Quais são as crianças a que se destina o ensino especial? E, antes de mais, o que é um anormal? Não passaremos aqui em revista todas as *definições* que se deram das crianças debeis de espirito; contentemo-nos com esta formula geral do dr. Ley "O anormal apresenta um grau de fraqueza mental, de instabilidade psiquica ou de inapidão intelectual para reagir normalmente ás excitações fornecidas pelo meio educativo e pedagogico ordinario. — Ele se distingue dos imbecis e dos idiotas sobretudo pelas suas aptidões para viver vida social".

H. H. Goddard chama anormal: "o paciente que, em consequencia de um deficit sobrevindo desde o nascimento

ou em tenra idade, não está no mesmo pé que o resto dos homens, na vida, não é capaz de dirigir os seus próprios negócios". Esta incapacidade de se adaptar pode ser mais ou menos grave. Compreende categorias muito diversas, desde o ente ligeiramente tolhido no exercício de sua profissão, por causa de deficiência intelectual, até o idiota profundo, incapaz de qualquer trabalho.

Binet e Simon consideram como idiota (1) toda a criança que não chega a comunicar-se pela palavra com os seus semelhantes, isto é, que não chega a exprimir verbalmente o próprio pensamento, nem a compreender o pensamento verbalmente expresso — e isso exclusivamente por deficiência intelectual. O *imbecil* é o que não chega a comunicar-se por escrito com os seus semelhantes, isto é, não pôde exprimir o próprio pensamento por meio da escrita, nem compreender o que lê — sempre por pura deficiência intelectual (é evidente que as perturbações da vista ou a paralisia do braço não entram aqui em consideração) — Emfim, é *débil* a criança que chega a comunicar-se verbalmente e por escrito com os seus semelhantes, mas que apresenta um retardamento escolar de dois anos — se tem menos de 9 anos — e de 3 anos, se tem mais de 9 anos — contanto que esse retardamento não seja devido a uma insuficiência de escolaridade".

É só destas duas ultimas categorias que temos de nos ocupar — os imbecis não formam ainda senão uma fraca minoria nas nossas classes especiais, em que eles não deviam mesmo figurar: é o internato que lhes convém.

O diagnostico mais difficil de estabelecer é naturalmente o dos *débeis* — porquanto os tipos superiores desta categoria apenas muito pouco diferem dos normais.

As classes especiais, de onde se eliminaram os anormais profundos, — nos países em que estes são educados em internatos — contam ordinariamente tres categorias de retardados:

- 1.º) retardados por defeitos ~~sonoros~~ físicos (miopes, surdos parciais, ou retardados por perturbações patológicas);
- 2.º) retardados pedagogicos, em consequencia de irregular frequencia escolar ou de um meio desfavoravel;
- 3.º) *retardados por deficits psicicos.*

Ao passo que as duas primeiras categorias melhoram facilmente, após pouco tempo, podem retomar o seu posto entre os normais, — os retardados por deficit psiquico, que são os verdadeiros retardados, chegam raramente a um estado psiquico normal.

Sob outro ponto de vista, podem-se dividir os alunos da classe especial em duas categorias:

a) os *retardados* propriamente ditos, caracterizados por um grau mais ou menos marcado de deficiência intelectual, mas, em geral, dóceis, agradaveis sob o ponto de vista da disciplina, não raro afetuozos e complacentes;

b) os *instaveis*, mais anormais pelo caráter do que pela intelligencia, insubmissos, voluntariosos, irasciveis muitas vezes, ordinariamente acometidos tambem, posto que em menor escala, de deficiência intelectual.

Nunca seriam demasiadas as nossas precauções para a *escolha das crianças*: admitir na classe especial um normal que dela não necessita, é fazer-lhe perder o seu tempo; recusar um anormal é fazer-lhe perder o tempo, tambem, porquanto não poderá tirar proveito do ensino normal (supondo-se que o regime pedagogico da classe normal valha o da classe especial).

Esse diagnostico é difficilimo, por duas razões: 1.º) certas crianças que apresentam sinais graves se curam e, reciprocamente, certas taras não se manifestam senão depois de muito tempo; 2.º) o tipo só se fórma lentamente; a principio a criança resiste ao ensino, falso ao seu ponto de vista; depois se torna passiva.

Doutra parte o limite entre os anormais educaveis, os unicos de que se cuida nos asilos e nas classes especiais, e os ineducaveis não é facil de se estabelecer. Ziehen considera esta distincção entre individuos capazes de desenvolvimento (*bildungsfähig* e *bildungsunfähig*) como cientificamente falsa porque, diz elle, não ha debeis de espirito absolutamente incapazes de desenvolvimento. Será mister considerar como capazes de desenvolvimento os que são capazes de adquirir conhecimentos escolares, ou os que podem adquirir uma certa habilidade manual, ou, emfim, os idiotas nos quais se chega a reprimir instintos baixos e tendencias puramente animais? — Segundo Heller, (1) a gente se descuida, as mais das vezes, da idade favoravel para essa psicoterapia: é, em todo caso, durante o quarto ano que ela deveria começar: não raro, um fraco de espirito é, a tal ponto, descuidado em sua casa que todo o desenvolvimento ulterior se lhe tornou impossivel; elle pôde, então, ser tomado — erroneamente — como idiota profundo. No conceito de Heller, muitas experiencias provam que, entre os idiotas, disposições aperceptivas, apparecidas espontaneamente, *desapparecem logo sem deixar traços, si não as desenvolvemos a tempo*: muitos pais contam que seus filhos, depois de terem reagido durante

certo tempo contra impressões sonoras ou luminosas, recaiam numa indiferença total.

Si essas cousas são exaltas, tomar-se-ia caminho errado não educando as crianças anormais senão a partir dos 7 ou 8 anos, e ter-se-ia tudo que lucrar generalizando a tentativa interessantíssima feita em Franfort s. Maine, de um jardim de infância para retardados, onde se adapta aos débeis o ensino de Froebel; fichas medicas, psicologicas e pedagogicas permitiriam verificar o rendimento desse trabalho. Nossa obra: "Le développement de l'enfant de deux à sept ans." (1) pode prestar serviço para se fazer, nessa idade, a divisão entre normais e anormais, pelo meno que concerne ao atraso intellectual.

(Continúa)

NOSSA EXPERIENCIA

Composição de uma classe escolar

Em países cultores da nova educação, a pratica sancionou, de há muito, que o nivelamento mental das classes escolares tem uma importancia pedagogica muito e muito acentuada, por isso que assim se "evita que se reprimam disposições de superioridades naturais em certas crianças e que se exijam demasiados esforços por parte de outras, já de si incapazes."

Esse nivelamento, ajudado pelas promoções individuais em qualquer época letiva — já o prouou bastante a psicotécnica — é passo largo no caminho do progresso pedagogico.

A diretora do grupo, quando, ao inicio do ano letivo de 1931, *argunizou* (?) a classe. . . não teve em vista esse tão vanta-

joso criterio de nivelamento. — Daqui e dali, tomou nomes de crianças. Ordenou-os numa lista. Formou assim a classe. . . bastante heterogenea na sua composição, entregando-a á prof. X.

Ao iniciar do ano letivo, a classe estava formada com 41 alunos, sendo 17 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Em março, o numero de alunos continuou a ser o mesmo, tendo havido saída de uma criança e entrada de outra. Em abril, com a chegada de mais 2 meninos, a classe passou a ter 43 alunos. Em maio, perdendo 3 crianças e adquirindo duas, a classe voltou novamente a ser constituída de 41 crianças. Em julho, ausentaram-se 7 meni-

(1) Heller, Grundriss der Heilpädagogik.

nos e matricularam-se 6, ficando a classe composta de 40 alunos ao todo, sendo 17 meninos e 23 meninas.

Na classe, essas crianças estão dispostas, duas a duas, em 3 fileiras de carteiras. A fileira da esquerda (estando-se de frente para as crianças) é constituída de meninas; a da direita, de meninos; na fileira do meio, as duas primeiras carteiras são ocupadas por meninos e as restantes por meninas.

Das 40 crianças da classe, apenas duas a de n. . . e a de n. . . já pertenciam á classe regida pela sua atual professora. São esses os alunos que melhor ela aparentemente conhecer. A nosso ver, são tambem os que melhor á professora — parecem estar adaptados. Uma pergunta: Não seria muito vantajoso que as classes tivessem uma mesma professora, do 1.º ano ao 4.º? Pelo que pensamos e pelo que temos visto em os nossos grupos escolares, a tão necessaria adaptação entre professoras e alunos é assim muito mais viavel.

7 crianças frequentaram os jardins de infancia — em que se cultivam os meninos de um modo particularmente feliz e eficaz. As de ns. 1, 2 e 3 frequentaram o jardim durante 3 anos consecutivos; a de n. 17, frequentou-o por 2 anos seguidos; e as de ns. 6, 8 e 35 foram alunas de jardim por 1 ano sómente.

Segundo observações nossas, em as crianças 1, 2 e 3, é notavel a passagem pelo jardim de infancia. Nota-se-lhes uma certa espontaneidade, uma natural vivacidade: são curiosas, gostam de perguntar, gostam de falar e de fazer.

4 crianças frequentaram, aulas do grupo escolar . . . , outros grupos escolares locais; o aluno n. 37 pertenceu, até junho, ao grupo de uma outra cidade de Minas. As crianças 4 e 18 frequentaram escolas publicas de um outro Estado.

Na classe. . . , há 21 crianças que ainda não repetiram anos. Da quasi outra metade, 5 alunos repetem o 3.º ano; 10 já repetiram o 2.º; 8 repetiram o 1.º; a menina n. 27, repetiu o 1.º, o 2.º, está repetindo o 3.º, os alunos n. 14 e 26 repetiram o 1.º e o 2.º; o de n. 10 repetiu o 1.º e está cursando novamente o 2.º e está tambem repetindo o 1.º; a menina n. 27, repetiu o 3.º.

Segundo informações por nós colhidas entre professoras e mesmo entre as proprias crianças, 8 alunos têm por causa de repetição de ano, o não alcance no programa de aritmetica; 2, insuficiencia de idade cronologica; 3, uma enfermidade, causadora de infreqüencia; 1, "falta de atenção (!)" De 5 outros, os motivos são por nós ignorados.

Como se está vendo, quasi 50% dos repetentes têm por causa de "repetição" a não possibilidade (?) de completo alcance no programa de aritmetica.

Atribuímos esse fracasso por parte dessas crianças excluindo-se aquelas a quem a inteligência não favorece suficientemente na aritmética — aos métodos pouco racionais que existiam e continuam a existir, para o ensino dessa matéria. A aritmética foi e, infelizmente, ainda é ensinada — de maneira ainda, pouco ou mesmo nada vital, fatigante para a inteligência infantil, com falta quasi absoluta de atenção às diferentes tendências espirituais dos alunos (H. Poincaré, no seu livro "Science et méthodode", trata muito bem o problema dos "refratriários" à luz da aritmética, dizendo — e muito bem — das diferentes atitudes para com a aritmética, entre os "espíritos de tendências lógicas" e os de "tendências intuitivas").

Logo que os métodos de ensinar a aritmética às crianças mudem de rumo, logo que elles passem a ser mais reais, mais vivos, mais atinentes à inteligência infantil, mais consideradores das diferenças individuais, estará extirpada, a nosso ver, uma das mais fortes causas de "repetição" no curso primário.

Interessante — A aluna 16, segundo informe por nós recebido de uma professora, repetiu o 2.º ano "por falta de atenção (!)". No entanto, as nossas observações e os tests não accusam nessa criança, incapacidade de atenção às aulas. No ano perdido, qual teria sido a causa de tão grande "falta de atenção" às aulas, por parte da aluna? — Disso não nos informou a dita professora. Mas, perguntamos aqui:

Naquêl ano, as aulas teriam correspondido aos interesses daquela criança. Teriam sido acordes com o seu estado de desenvolvimento mental? Muito bom seria si disso conseguíssemos ter alguma noticia.

25 crianças (62,5 %) têm mais de 10 anos, ultrapassando assim a idade regulamentar para o 3.º ano (9-10 anos); duas, as de nos. 3 e 13, têm idade inferior a 9 anos. Só 14 estão dentro da idade exigida para um terceiro misto primário.

Das 25 que contam mais de 10 anos, 10 crianças têm por causa de ultrapasse da idade regulamentar o fato repetição de ano, ajudado, em alguns casos, pela matrícula no grupo com idade além de 7-8 anos. A aluna 27, que cursou por 2 vezes o 1.º ano e o 2.º e está tornando a cursar o 3.º por exemplo, tem a idade cronologica de 15 anos e meses.

No tocante à frequência — Obtiveram-na legalmente, durante o 1.º semestre, todos os alunos que pertencem à classe ... desde os primeiros tempos do ano letivo, sendo de notar-se a assiduidade dos alunos 1, 2, 20, 28, 6, 5, 17 e 16.

Quanto às relações das crianças entre si — Ha, entre as meninas, grandes laços de camaradagem. Entre os meninos, tambem os ha — e bem fortes. Segundo observações nossas, porém, as meninas nunca se dirigem aos meninos e nem estes áquelas. A que se deverá essa falta de ca-

maradagem entre os representantes dos 2 sexos, na classe...? Seja qual for a sua causa, nós a lastimamos, pois, grandemente recomendavel é a colaboração entre os escolares dos dois sexos, colaboração essa capaz de permitir a cada um deles exercer sobre o outro uma benefica influencia.

Muito nos impressionou, na classe ..., o fato de nela existir um tão grande numero de crianças que não estão fazendo regularmente o seu curso, por causa das "repetições". — Repetindo anos, a criança se acarreta um possivel atraso no caminho da vida, acarretando, ao mesmo tempo — e é isso muito claro — um pouco de prejuizo para as finanças do seu Estado.

Q que vimos na classe do grupo... tambem já o vimos em outras classes, em outros grupos escolares.

É preciso que nós, as professoras, procuremos pôr cõbro ás repetições de ano. — A homogeneização das classes — pensamos-lo

— é passo bem largo para isso, pois só ella é capaz de proporcionar ás crianças, levando em consideração as suas forças, as suas capacidades, o modo mais eficaz de trabalhar — que é o de "dar valor ao trabalho". — Si o trabalho estiver além das forças da criança, ella ha-de odiá-lo, caindo no sentimento de inferioridade, de que tambem nos disse Claparède, em a sua conferencia realizada no Teatro Municipal de Belo-Horizonte, a 23/9/930; de outro lado, si o trabalho não tiver importancia para as suas forças, a criança ha-de olhar para elle com desdém, com ares de superioridade, não lhe dando valor.

Depois da homogeneização das classes, venha a possibilidade de promoções individuais em qualquer época letiva e venha a melhoria da escola, pela melhoria de todos os metodos de ensino.

Maria Romualda Guerra de Vasconcellos, professora técnica em S. João del Rei.

O mercado do jardim

(Trabalho realizado por duas classes de 3.º periodo, na Escola Infantil "Delfim-Moreira", regidas pelas professoras — Edith Neves e estagiaria—Maria José Santos).

IDEIA INICIAL — Tinhamos terminado o primeiro trabalho do ano e indagámos das crianças o que desejavam fazer.

Ninita pediu para irmos ao Parque. Abilio entretanto obietou — "no Parque não, porque já fomos lá muitas vezes." Norma sugeriu a Praça da Liberdade, sendo a idéa rejeitada pela Helia que alegou — "lá é muito longe e não temos dinheiro para o bonde"; lembrou-se então José pic

poderíamos ir ao Mercado porque ficava perto da Escola. Foi aceita esta idéia por todas as crianças, talvez porque para muitas constituísse novidade esse passeio.

Fizemos no dia seguinte, a primeira excursão ao Mercado e lá,

irao meninos verem e comprarem alguma coisa.

Surgiu daí a idéia de se fazer o "Mercado do Jardim".

OBSERVAÇÃO — Em conversas durante o trajeto, perguntamos às crianças se achavam a rua



FIGURA 1

as crianças ficaram encantadas com tudo que viram.

Junto a um tableteiro de frutas, disse Marcelo — "que pena não termos trazido dinheiro para comirmos bananas". Prometemos então voltar outro dia para que eles fizessem compras.

Durante as "conversas" no Mercado, Helvecio lembrou-se que poderíamos fazer um "mercado pequeno" no Jardim, para os ou-

Espírito Santo igual à avenida Paraopeba e logo varias respostas "não, esta é muito mais larga" — Insistimos nesta observação, deixando bem nitida a idéia de rua e avenida.

Chegando ao Mercado, foram detidamente observados — aspectos externo e interno, divisão, tamanho, disposição das lojas; como estavam acondicionadas as mercadorias, etc., etc.

Observando as aves (fig. 1).

REALIZAÇÃO — Neste projeto que durou um mês, colaboraram todas as crianças das duas classes de 3.º período. Em todas as excursões que fizemos ao Mercado, observamos nas crianças grande interesse e alegria. Voltá-

Um menino notou a falta de panelinhas de barro e outro imediatamente mostrou uma loja onde havia muitas. Fomos até lá para compra-las mas, o senhor que nos atendeu não quis vender, pedindo licença para presentear



FIGURA 1-A

mos mais 3 vezes ao Mercado: na 1.ª as crianças compraram frutas e queriam guarda-las para vender no "Mercado do Jardim". Mostrámos a impossibilidade, porque se estragariam e resolveram então come-las, levando outras quando o "mercado" ficasse pronto. (fig. 1 A).

Na outra excursão compraram bilhas, cestos para verdura e ovos, peneiras, etc. (fig. 2).

todas as crianças com uma panelinha.

Para estas compras, cada aluno concorreu com um mil réis. Notando que a maioria das crianças ignorava o troco e mostrava mesmo duvidas quanto ao conhecimento da nossa moeda, fizemos ver que por este motivo, seria impossível efetuarem vendas no "Mercado do Jardim"; foi vivo o desejo de aprender esta parte

e aproveitarmos para dar-lhes estes conhecimentos nas aulas de numeração. Serviram neste momento as frutas, verduras, custos, etc., sendo feita compra e venda deste material, com intenso exercício de troca até 58000.



FIGURA 2

A parte gráfica não foi esquecida, tendo as crianças desenhado aspectos do Mercado, em excursão feita propositalmente para este fim. (fig. 3).

Logo nos primeiros dias de aula, Nara trouxe um abacaxi para fazer doce, o que foi feito pelas meninas (fig. 4).

Vera lembrou-se que das cascas do abacaxi poderíamos fazer refresco (alcá) e este foi feito, constituindo uma novidade apreciadíssima.

Verificada a necessidade de alguns vidros de conserva para o "Mercado do Jardim", apareceram no dia seguinte as pimentas, xuxú novo, alho, sal, cebola, vinagre, etc. Assim foi conseguida toda a mercadoria, à medida que

ia sendo lembrado pelas crianças, o material visto no Mercado.

Aproveitando o fato de ver Zaira sua merenda inutilizada porque não teve o cuidado de embrulhar as pimentas que trouxera, mostrámos a necessidade de se utilizar o papel de embrulho não só como medida higienica, como também por ser mais delicado. Precisávamos portanto papel e sacos para o "Mercado do Jardim". Algumas crianças se ofe-

recerem para trazer de casa mas não aceitamos. Foi lembrado então pelo Marcio que poderiam fazer em aula, desmanchando um saquinho para servir de modelo. Por este os meninos riscaram, cortaram e colaram sacos em 3 tamanhos — maior, menor e médio. Enquanto isto as meninas ocupavam-se em costurar os sacos de pano.

Durante todo o trabalho as crianças conversavam muito, sendo desenvolvido e aperfeiçoado o vocabulário.

A barraca para instalação do "Mercado do Jardim", foi feita com ripas de madeira. Era necessária a pintura e as crianças executaram alegremente esta nova atividade. (fig. 5).

Lélia observou que os objetos



FIGURA 3



FIGURA 4

colocados nas prateleiras, não ficariam convenientemente seguros

sem um forro no fundo da barraca. Para isto foi aproveitado o pa-

pel pardo que possuíamos, achando Ieda, com imediato apoio da Rute, "que estava feio porque não era pintado" — Foi lembrado o recorte por absoluta falta de tempo para um trabalho de desenho mais demorado. Todas as crianças dedicaram-se cuidadosamente na escolha de figuras referentes ao assunto, recortando-as e colocando-as no papel destinado a servir de forro.

Foi ainda feito um concurso para organização de anúncios e de um letreiro que seria colocado na entrada da barraca, sendo mais votado o seguinte: "Aqui tudo é bom e barato".

Nos últimos dias foi revisto e organizado todo o material.

As crianças quiseram saber quem seria "dono do mercado". Fizemos uma competição nos exercícios de troca, ficando provado que Helvecio era o mais apto.

Foi então reconhecido por todos os colegas como sendo capaz de dirigir bem o "mercado". Marcelo, pelo seu modo afável de oferecer e anunciar "a mercadoria ao freguez" e por ter revelado



FIGURA 5

mais habilidade na confecção dos embrulhos, ficou como *socio principal*. Para evitar descontentamentos, dividimos as outras crianças em grupos de 4, ficando como "auxiliares" em dias determinados.

Notamos em todas as crianças uma alegria comunicativa e uma responsabilidade rial.

Escola Infantil "Delfim Moreira"

(BELO-HORIZONTE)

"Vila Deacy", obra da "Empresa Construtora Marcelo & Cia., que se levantou de acordo com o seguinte plano, sob as vistas da professora Cordélia Queiroga.

Idéia inicial: satisfazer o desejo das crianças, executando o mesmo trabalho que os operários de uma construção na vizinhança.

Observação e realização:

Tomaram parte na fabricação de tijolos 40 alunos das classes II e III períodos, gastando neste trabalho 10 dias. Conseguiu-se obter diariamente 60 a 80 tijolos, apurando-se um total de 600. Foram utilizadas como formas caixinhas de fosforo. Os alicerces foram feitos com pedrinhas apa-

balho feito por pessoa competente. Verificada a necessidade da ventilação, deixaram-se vãos para as portas e janelas. Por não ter sido feita a amarração dos tijolos notou-se a fraqueza das paredes e foi então obedecida a regra.

Para a colocação de portas e janelas foi novamente chamado o



A turma de alunos que se incumbiu do serviço de pedreiros

nhadas no Parque Municipal, em dia de excursão. Iniciou-se logo a construção das paredes. Foi escolhida uma turma de alunos que se incumbiu do serviço de pedreiros (fig. 1). Estes chamaram um oficial da construção acima referida para dar explicações.

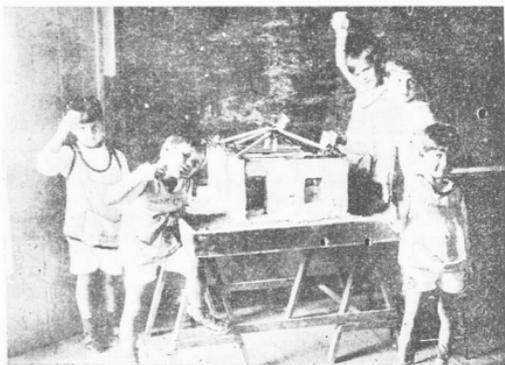
O preparo do rebôco era feito pelos próprios alunos, depois de haverem acompanhado esse tra-

pedreiro, que, de boa vontade, colocou uma, dando as necessárias explicações. Os pequenos pedreiros trabalharam 14 dias até que conseguiram pôr de pé as paredes externas da casa. O muro divisorio, fizeram-no em 2 dias.

Uma outra turma trabalhou com a madeira (fig. 2), utilizando-se do serrote e do martelo. No dia da colocação da cumieira,



Uma outra que trabalhou com a madeira



Festando a colocação da cumieira. — Empresa Construtora "Marcelo & Cia.". — Escola Infantil "Delfim Moreira"

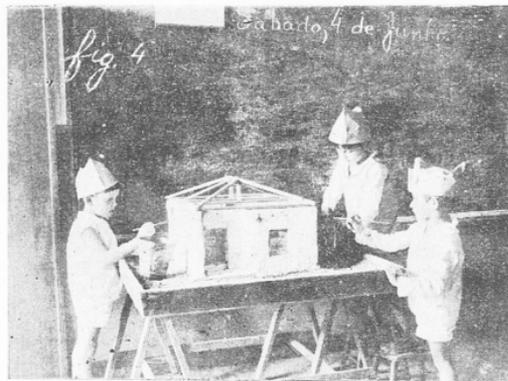
houve a festa exigida pelos trabalhadores (fig. 3).

Os pintores começaram a agir (fig. 4). Foram buscar cal em uma construção, dissolveram-na e calaram as paredes; depois de secas, deram a primeira mão de óleo e no dia seguinte a outra.

A pintura das portas e janelas

quarto, uma cozinha e um compartimento para banheira e sanitaria.

Só então foi compreendida a utilidade da planta da casa. Recordando-se das dimensões da casa desenharam as paredes, marcando as portas e janelas e, guiando-se por estas marcas fizeram



Os pintores em acção

foi feita depois de seca a tias paredes. Voltaram os pedreiros a trabalhar; atijolaram e cimentaram a área em volta da casa.

Enquanto os meninos estavam nessas ocupações, as meninas pintavam as cortinas e recortavam a mobília riscada em cartolina (fig. 5). Foi feita a divisão dos cômodos: uma sala de jantar, um

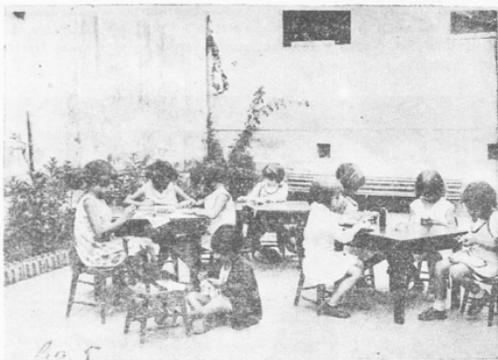
divisão interna. O interior da casa não pôde ser terminado. Também o telhado não foi feito de acordo com o plano. As telhas foram substituídas por quatro partes de papel cartão vermelho. As turmas de pedreiros, carpinteiros e pintores permata-ram o material arranjado pelos diferentes meninos.

Fez-se um inventário do material. Diariamente se verificava si faltava algum objeto.

As indicações e observações foram feitas pela professora.

Os tijolos, fôrmas, vidros das portas e janelas serviram para as aulas de numeração.

Utilizou-se o seguinte material: argila, fôrmas, pedras, cal, areia,



Pintando as cortinas e recortando a mobília

Foram escolhidos os nomes dos alunos que mais trabalharam, para a representação da empresa.

O nome da vila entrou em concurso.

cimento, colher de pedreiro pá, prumo, nível, serrote, martel), pedaços de madeira, pregos, pinçeis, oleos, cartolina, tesouras, cola e lapis.

Sugestões sobre a biblioteca escolar

1) Serão dadas aulas praticas, na Biblioteca, sobre o manejo dos livros.

a) Como devem ser manuseados;

b) importância do índice: para que serve e como usá-lo;

c) ensinar que não se deve dobrar a folha ou a ponta para marcar a leitura — para esse fim ha-

verá marcas especiais na biblioteca;

d) ensinar que não se deve molhar o dedo na boca para virar uma pagina — fazer vêr que isso é anti-higienico;

e) empregar todos os meios para que as crianças criem amor e respeito pelos livros e aprendam a conservá-los.

2) Do uso que os alunos devem fazer da Biblioteca

a) Para leitura espontanea;

b) para leitura interpretativa (com questionario após a leitura);

c) clubs de leitura;

d) para a confecção de trabalhos de "Auditorium";

e) aulas de lingua patria;

f) para a solução dos varios problemas ou estudos suscitados pela professora;

g) como fonte de informações;

h) como complemento do trabalho realizado nas excursões escolares.

3) Disposições gerais

a) Todos os livros de que se compõe a biblioteca deverão ser lidos pelas professoras para que estas possam ficar inteiradas dos valores dos mesmos;

b) todo o livro novo que venha enriquecer a biblioteca esco-

lar, deve ficar em exposição num lugar de realce, para que possa ficar conhecido das crianças. A professora deve mesmo chamar a atenção para a nova aquisição;

c) deve haver um catalogo para registro dos livros;

d) deverá haver um talão de impressos para serem assinados pelos pais dos alunos, em que os mesmos se responsabilizem pela devolução e conservação dos livros retirados da biblioteca;

e) deve haver um livro em que sejam anotadas as obras lidas. Este livro, servirá, tambem, para registrar a frequencia da biblioteca e observações das professoras;

f) a biblioteca deverá ser registrada por um Regulamento confeccionado e aprovado pelo corpo docente do Estabelecimento.

4) Da renda da Biblioteca

a) Comemorar-se-á todos os anos, a 5 de novembro (data do nascimento de Ruy Barbosa) o DIA DO LIVRO, com uma festa cujo rendimento deverá reverter em favor da biblioteca;

b) os fundos da biblioteca não poderão ser desviados para outro qualquer fim.

José Maria Parados.

DAQUÍ E DALÍ

A escola nova

JOSE' MARIA PARADAS, assistente técnico do Ensino — (Conferência realizada no Grupo Escolar "Dr. W. Braz", de Baependi).

Pensavam geralmente os professores que a criança era um adulto em miniatura, e, de acôrdo com esse conceito, pretendiam modelar os seus alunos de conformidade com as suas individualidades — quasi sempre cheias de imperfeições. Que ingenuidade! Como se fosse possível fazer de uma classe de quarenta alunos, quarenta publicas fórmulas do professor! E a individualidade da criança? O magister negava-a sistematicamente — talvez por comodismo, talvez por ignorancia.

Eis como Ferrière pinta a anacrónica escola que, ironicamente, diz ter sido engendrada pelo diabo: "A criança adora a natureza: encerram-na por isso dentro de casas. A criança gosta de brincar: obrigam-na a "trabalhar". Pretende saber se a sua actividade serve para qualquer coisa: fez-se com que a sua actividade não tivesse nenhum fim. Gosta de mexer-se: condenam-na á immobillidade. Gosta de palpar objetos: ei-la em contacto com idéas. Quer servir-se das mãos: é o cerebro que lhe põem em jogo. Gosta de falar: impõem-lhe silencio. Quer esmiuçar as coisas: constroem-na a exercícos de memoria. Pretende buscar a ciencia de motu proprio: é-lhe servida já feita. Desejaria seguir a sua fantasia: fazem-na vergar sob o jugo do adulto. Queria entusiasmar-se: inventaram-se os castigos. Queria servir livremente: ensinou-se-lhe a obedecer passivamente".

Eis aí, senhores, tudo o que a nossa imperfeita escola fazia.

E' digno de nota que todo profissional conhece a materia prima que trabalha: o alfaiate conhece o pano que costura; o marceneiro, a madeira de seus moveis; o ferreiro, o ferro que lavra. No entanto, o professor não conhecia a criança; nem disso se importava. Acresce que o alfaiate, o marceneiro e o ferreiro têm orgulho profissional; ao professor não se lhe dava deixar sair da escola (oficina de trabalho) uma criança com a educação imperfeita e meia duzia de conceitos erroneos.

Todo mundo planta e todo mundo colhe; mas nem todos plantam do mesmo jeito, nem são iguais as colheitas. Uns plantam empiricamente sem estudar a terra e a planta; outros plantam estudando a terra, seleccionando a semente, estudando, protegendo e auxiliando inteligentemente o desenvolvimento da planta.

O primeiro caso é o empirismo, a incompetencia, a ignorancia; o segundo caso é a ciencia, é a razão. Também nós, professores e pais de hoje, na vasta seara da instrução, devemos ocupar o segundo e não o primeiro caso.

A Escola Nova alicerçou-se na psicologia infantil.

O professor moderno obedece á lei dos interesses infantis; sabe o alimento intelectual que deve oferecer aos seus alunos e como dosá-los; respeita a individualidade da criança; dá-lhe liberdade; oferece-lhe occasões para uma actividade aproveitavel; apresenta-lhe, naturalmente, a realidade da vida para que a mesma induza as suas regras de conduta; não lhe dá regras nem complicadas definições; não a obriga a enfadonhos exercícos mnemonicos; não a obriga a ficar imovel durante as aulas e de mãos para traz, indolente, dessa forma, contrariar as suas necessidades físicas; não a põe em necessidade de ter que mentir; desperta-lhe os sentimentos de cordialidade e solidariedade; habitua-a ao trabalho de cooperação; enfim, faz da escola o paraíso e não o inferno das crianças.

Vem a proposito os versos de Leoncio Corrêa:

"Maldito seja o que transforma uma aula
De alegre ninho de pardais — em jaula
Na qual a criança é a féra por domar".

Fiquemos certos de uma coisa: tudo na vida obedece a imutáveis leis, e segue um curso natural. Póde-se precipitar o crescimento de uma planta? A arvoredinha que principia mal, que cresce mal, nunca será robusta, e serão mirrados os seus frutos. E' assim a criança: cresce, desenvolve-se naturalmente, sem correrias, sem precipitações. E não é outro o papel da escola sinão favorecer, encaminhar, auxiliar inteligentemente esse desenvolvimento. Daí a moderna definição de educação: Desenvolvimento racional sob os aspectos físico, moral, intelectual e social.

"Qualquer sistema de instrução publica que se limite á transmissão de conhecimentos será, seguramente, reconhecido como improprio ás necessidades do individuo, bem como ás da Sociedade". Tése votada pela Associação de Educação Nacional Americana — que se compõe de 500.000 professores.

Ora, a opinião de meio milhão de profissionais deve, tambem seguramente, ser uma opinião abalizada.

Ruiu o edificio da velha escola; é mistér que se construa outro de acórdio com a época e com outras finalidades. Façamos surgir dessas ruínas a brilhante, a esplendorosa Escola Nova. Façamos homens de iniciativa, destemerosos, de moral sã e sem pieguices; homens conscios dos seus deveres na grande sociedade humana. Demos ao novo edificio, por alicerce: a liberdade, o interesse, o trabalho; por lema: aprender fazendo.

Examinemos — os educados pela anti-diluviana escola — as aquisições feitas na nossa infancia: lèr sem compreender; manejar numeros sem ter conhecimento da realidade concreta das grandezas; decorar uma infinidade de nomes, nas mais das vezes arrevezados, de um compendio de geografia — que, felizmente, se esqueciam ao sair da escola; olhar para uma carta geografica sem ter a menor noção do que a

mesma representava; decorar preceitos de uma moral balofa e não praticada; ter uma visão irrealissima da vida; fazer bonitos trabalhos para a exposição do fim do ano — trabalhos tão bonitos e bem feitos que, era de se jurar, a professora não faria melhores; ser tímidos; covardes; egoistas e hipocritas. Eis aí o conteúdo do sacco que nos deu a velha escola.

Era tempo de se proceder ao enterro da velha hedionda com todo o seu cortejo de charlatanices.

A cabeça idealizadora de Francisco Campos, e o braço realizador de Mario Casasanta fizeram brilhar nesta bemdita terra mineira — berço de todos os sentimentos liberais — o sol da escola da razão, da escola do trabalho, da escola realizadora, da escola da verdade.

Não se compreende, entretanto, que uma soma tão grande de beneficios para a humanidade seja prejudicada — e por quem? — pelos pais e pelos proprios professores zelosos de uma autoridade mal compreendida e idiota.

Angelo Patri, o excelso educador americano, diz — e diz muito bem — que a maioria dos pais têm um conceito livresco da educação. De fato, é comum chegarem á escola as mais disparatadas queixas e reclamações dos pais dos alunos, como sejam: "O meu filho vem á escola para aprender, sómente, a lèr, escrever e contar". "Si o meu pequeno não andar direito, podem, com a minha autorização, meter-lhe a vára de marmêlo". "Quero que a educação de meu filho seja identica a que tive". "Em vez de darem historias a lèr ao meu rapaz, dêem-lhe coisas mais proveitosas". "João não sabe os rios da China". "Pedro não me sabe dizer a regra para multiplicação de decimais"... Ao mesmo tempo que fazem estas absurdas e intermináveis queixas, exclamam com ar doutoral: "Isto não vai bem!"

Si fordes, por acaso, atacado de um subito mal fisico, recorreréis ao medico, como o naturalmente indicado a vos dar alivio; si quisiérem assenhorear-se da vossa propriedade, recorreréis ao advogado, como o naturalmente indicado a de-

fender os vossos direitos; se tiverdes alguma forte preocupação, se algo vos pésa na consciencia, recorrereis ao ministro de Deus, como o naturalmente indicado a vos dar a paz de espirito perdida, e a consolação bemfazeja da palavra do Creador. Confiai tambem, e confiai desassombadamente, — o dever e o futuro da nossa querida patria assim vos ordenam — a educação e a instrução de vossos filhos a cargo do professor. E não é só confiar-lhe desassombadamente essa tremenda responsabilidade; é necessario que o auxilieis no desempenho da sua grande e nobre missão.

Em abono do que acabo de dizer, transcrevo aqui o que diz Antonio Ballesteros: "Os pais impedem todo movimento espontaneo de seus filhos, limitam suas iniciativas e submetem suas vidas a uma continua coacção. Tudo isto se complica em muitos casos por uma dualidade entre o criterio da mãe — brando e generoso — e o do pai — rigido e severo — que umas vezes se completam, e outras se opõem violentamente. A vítima de toda esta ignorancia é a criança, que sofre pacientemente suas consequencias".

Pelo exposto vê-se que é de imprescindivel necessidade que os pais aprendam a conhecer seus filhos e, consequentemente, todas as crianças.

A reforma do sistema educativo não é tão nova como vos possa parecer. E' nova, sim, no nosso país — no Brasil só se tomam por novidades as velharias dos outros povos — sirva de exemplo o arado que, praticamente, ainda não foi aqui adotado. Dir-vos-ei, entretanto, que em outras terras já ha homens educados em um ambiente sadio e melhorado.

Não deve ser destino desta tão rica e hospitaleira terra, andar sempre na retaguarda de todo e qualquer movimento progressistas que se intente — não se compreende tal coisa dada a intelligencia e descortinio que caracterizam o nosso povo.

Notaveis pedagogistas; homens que encaneceram no mistér de educar e ensinar; homens cheios de lealdade e idealismo; homens cujo coração abrange, não o pequenino pedaço de terra em que nasceram, mas toda a humanidade;

— escudaram-se em suas virtudes peregrinas, na clareza de seus ideais, na nobreza de seus princípios, na necessidade de modificar a malsã humanidade, no espirito de abnegação que os caracteriza, e — espartanamente estoicos — lutaram e venceram.

Olhemos, senhores, para o principio da era cristã: Um homem justo e bom, um sublime visionario, um maravilhoso idealista, um caráter adamantino — Jesus Christo — morreu pregado numa cruz, lanceado, vilipendiado, batido, escarneo; só por querer ensinar alguma coisa á ingrata humanidade.

Eis aí, caros ouvintes, o fim que teve o primeiro dos mestres. E que nos queria ensinar o admiravel abnegado? Sómente isto: "Amái-vos uns aos outros". No entanto, tão simples palavras, embora sejam decorridos vinte seculos, ainda não foram bem compreendidas: Os homens ainda se esfacelam; ainda ha escravizadores e escravos; a miseria alheia não nos faz, siquer, vibrar uma das cordas da alma.

Si nos fizermos uma introspecção, teremos vergonha de nós mesmos. E de quem é a culpa? — De quem nos educou, de quem nos deu uma visão irreal e mentirosa da vida, de quem nos fez simples vitrolas, enfim, a culpa é da rigida, da hipocrita e velha escola.

Pois bem, si assim é, não ha motivos para esperas e delongas; brademos corajosamente: — Transforme-se a escola no que ela deve ser!

Eu vos peço, senhores, que vos arvoreis em defensores, em paladinos dos direitos infantis; defendei, senhores, a individualidade da criança; satisfazei os seus interesses e desejos — quasi sempre puros e razoaveis — aprendei a conhecer as suas necessidades; tratai com carinho a semente que dará a futura arvore frondosa e forte que será o esteio futuro da nossa grande e querida patria; alistai-vos de todo o coração na grande legião que visa a reforma sadia da escola; sede soldados na maior e na mais construtora das revoluções: a reforma da mentalidade humana; dizei como Jesus: "Deixai vir a mim os pequeninos".

O ensino ativo de geografia e ciência em uma escola rural alemã

Por W. KUNZE — (Traduzido da revista "In Etrom der Arbeitsschule", Fevereiro, 1930, por E. Backheuser).

Segundo as diretrizes de orientação do Ministério de Ciências, Artes e Educação Popular da Prússia, deve-se, no 3.º ano, cuidar do ensino da geografia, história e ciências naturais da "região" da escola.

Vejamos como desenvolver, no ponto de vista da moderna pedagogia, o estudo das "águas da região". Para ser metódico o estudo, de modo a melhor nos guiarmos, subdividimo-lo em:

- I — experiências e observações;
- II — exame dos rios e lagões;
- III — trabalhos na classe.

As experiências são, naturalmente, tentadas com o material de que puderem dispôr os alunos, isto é, ou da escola ou por eles mesmos preparado. As observações são feitas, ou nas excursões, ou nas leituras antecipadas para que foram encaminhadas, pelo mestre.

Os trabalhos em classe são de diversas naturezas e podem assim ser indicados:

a) *Trabalhos orais e escritos a respeito dos seguintes assuntos:*

- 1) o que observamos no wipper (rio da região);
- 2) de onde vem o wipper;
- 3) o trabalho da água no moinho Hofmeister;
- 4) a importância dos rios da região;

- 5) como passamos para a outra margem;
 - 6) como as águas do wipper destróem e constróem;
 - 7) importância das águas correntes;
 - 8) as enchentes da primavera no wipper e seus afluentes;
 - 9) as vasantes de verão do wipper e seus afluentes;
 - 10) os gelos de inverno;
 - 11) o transporte, a baixo preço, sobre água;
 - 12) como os barcos atravessam as eclusas.
- b) *Trabalhos Manuais:*
- 1) no taboleiro de areia — o curso do rio com suas pontes e diques;
 - 2) desenho: peixes, barcos, pescadores de anzol;
 - 3) catografia: como representar rios, lagos e mares, na carta; assim como, topograficamente, as pontes, embarca-douros, etc.

Além disso, procuramos fazer sempre a ligação desses estudos com os de outras disciplinas.

- 1) como Alemão (língua pátria).
 - a) *Leitura:* exploração de um trecho de prosa adequada. (Foi escolhido um, tratando de moinhos).
 - b) *Poesia* — "O arroio", de Johann Trojan.
 - c) *Composição* — Que observei no arroio.
 - d) *Gramática* — exercícios sobre o uso do dativo e acusativo.
 - e) *Caligrafia* — palavras com "s" e "ss" (por causa de Flusse, rio).
 - 2) com a Aritmética. Exercícios tirados de medições com o fluviometro, e a respeito do custo do transporte de pessoas e cargas em embarcações.
 - 3) com a Música: a canção "O moinho taramela".
 - 4) com jogos ginsticos e higienicos: imitação dos movimentos de natação ou dos marinheiros e pescadores.
- Além disso, os alunos tiveram por dever juntar notícias de jornal, a respeito de enchentes.

Tal o programa de trabalho, cujos detalhes de execução o autor desenvolve em muitas páginas da revista, e que

é impossível resumir aqui. O artigo reproduz composições e desenhos de alunos, assim como esboços cartográficos (e topográficos), do rio com suas pontes e eclusas, e, bem assim, varias interessantes fotografias das excursões e da sala de aula em trabalho.

Biblioteca filologica da lingua portuguesa

1. Affonso de Taunay, Lexico de lacunas.
2. Afranio Peixoto e Pedro Pinto, Dicionario dos Lusíadas.
3. Agenor Silveira, Colocação dos Pronomes.
4. Antenor Nascentes:
 - a) O Idioma Nacional, 4 vols.
 - b) Apostilas de Português.
5. Antonio Albalat:
 - a) A Formação do Estilo.
 - b) A Arte de Escrever.
6. Assis Cintra, Questões de Português.
7. Aulete, Dicionario Contemporaneo.
8. Candido de Figueiredo:
 - a) Dicionario da Língua Portuguesa.
 - b) Lições Praticas, 3 vols.
 - c) Problemas da Linguagem, 3 vols.
 - d) Falar e Escrever, 3 vols.
 - e) O que se não deve dizer, 3 vols. ●
 - f) Extranheirismos, 2 vols.
 - g) Vade-mecum dos estudiosos da lingua.
9. Carlos Dienstbach, Dicionario de Nomes Proprios.
10. Carlos Teschauer, Novo Dicionario Nacional
11. Carneiro Ribeiro:
 - a) Serões Gramaticais.
 - b) O Codigo Civil e a Replica.

12. Cortesão, Subsídios para um dicionario completo.
13. Eduardo Pereira:
 - a) Gramatica Expositiva (curso sup.).
 - b) Gramatica Historica.
14. Epiphania Dias: Gramatica Portuguesa Elementar.
15. Firmino Costa:
 - a) Ensino da linguagem.
 - b) Vocabulario Analogico.
16. Gonçalves Vianna, Apostilas aos dicionarios.
17. Guimarães Passos, Dicionario de Rimas.
18. Honorato de Oliveira, Lições Praticas de Pontuação.
19. Jayme de Séguier, Dicionario Pratico Ilustrado.
20. Jayme de Magalhães Lima, A lingua portuguesa e os seus misterios.
21. João de Oliveira Filho, Falar em Publico.
22. João Leda, Vocabulario de Ruy Barbosa.
23. João Ribeiro:
 - a) Dicionario Gramatical.
 - b) Gramatica Portuguesa.
 - c) Frases Feitas.
 - d) Língua Nacional.
 - e) Curiosidades Verbais.
 - f) Seleta Classica.
24. José Guerreiro Murta:
 - a) Como se aprende a redigir.
 - b) Como se aprende a estudar.
 - c) Como se aprende a conversar.
 - d) Manual da Língua portuguesa.
 - e) Educação Literaria.
25. José Oiticica, Manual de Estilo.
26. Julio Moreira, Estudos da lingua portuguesa.
27. Julio Nogueira, A linguagem usual e a composição.
28. Julio Ribeiro, Gramatica Portuguesa.
29. Ladislau Batalha, Historia Geral dos Adagios Portugueses.

30. Leite de Vasconcellos, Lições de Filologia Portuguesa.
31. Mario Barreto:
- Estudos da Língua Portuguesa.
 - Novos Estudos da Língua.
 - Novíssimos Estudos da Língua.
 - Fatos da Língua Portuguesa.
 - De Gramática e de Linguagem.
 - Através do Dicionário e da Gramática.
32. Marques da Cruz, Português Prático.
33. Othoniel Motta:
- O meu Idioma.
 - Lições de Português.
34. Olavo Bilac e Guimarães Passos, Versificação.
35. Pedro A. Pinto:
- Nugas e Rusgas de linguagem portuguesa.
 - A Margem dos Lusíadas.
 - Notas de advocacia gramatical.
 - Termos e Locuções.
 - Vocabulário e Frases.
 - Os Sertões, de Euclides da Cunha.
 - Brasileirismos e supostos brasileirismos.
 - Língua camiliana.
 - Vocabulos e Frases.
 - Flora Camiliana.
 - Crítica miuda.
36. Paulo Terencio, Estudos Euclidianos.
37. Plácido Barbosa, Dicionário de Terminologia Médica.
38. Ramiz Galvão, Vocabulário.
39. Raymundo Moraes, O Meu Dicionário de Cousas da Amazonia.
40. Rocha Pombo, Dicionário de Sinónimos.
41. Rodolpho Garcia, Dicionário de Brasileirismos.
42. Roque Callage, Vocabulário Gaucho.
43. Ruy Barbosa, Replica.

44. Said Ali:
- Gramática Secundária da Língua Portuguesa.
 - Lexicologia do Português Histórico.
 - Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico.
 - Gramática Histórica da Língua Portuguesa.
 - Dificuldades da Língua Portuguesa.
 - Meios de Expressão e Alterações semânticas.
45. Sampaio Dória, Como se aprende a língua.
46. Silveira Bueno, Arte de Escrever.
47. Souza Reis, Tres Palavrinhas.
48. Theodoro Sampaio, O Tupi na Geografia Nacional.
49. Visconde de Taunay, Filologia e Crítica.
50. Xavier Marques, A Arte de Escrever.

Escolas normais

Projeto de biblioteca para o Curso de Aplicação
Belo-Horizonte, 1.º de Outubro de 1932

- A. Ferrière:
 - L'E'cole active
 - La pratique de l'E'cole active
 - Le Progrès Spirituel.
 - L'Autonomie des Ecoliers
 - Transformations a Escola
- Albert Malche, Vie de Pestalozzi
- Alfred Binet, Les idées modernes sur les enfants
- Angelo Patri, Vers l'école de demain
- Audemars et Lafendel, La maison des petits
- Biblioteca de Educação organizada pelo dr. Lourenço Filho e editada pela Comp. Melhoramentos de São Paulo:

- I. Psicologia Experimental, por Henri Piéron
- II. A Escola e a Psicologia Experimental, por Ed. Claparède
- III. Educação Moral, por A. de Sampaio Doria
- IV. Temperamento e Carater, por Henrique Geenen.
- V. Educação e Sociologia, por Emile Durkheim
- VI. A Hereditariedade em face da Educação, por Octavio Domingues.
- VII. Como se ensina Geografia, por Ant. F. de Proença
- VIII. A Escola Ativa e os Trab. manuais, por Coryntho da Fonseca.
- IX. A Lei Biogenetica e a Escola Ativa, por Ad. Ferrière
- X. Testes..., por Alfredo Binet e Th. Simon
- XI. Introdução ao Estudo da Escola Nova, por Lourenço Filho.
- XII. Vida e Educação, por John Dewey.
- XIII. Situação Atual dos Problemas Filosoficos, por André Cresson
- XIV. Cinema e Educação, por Jonathas Serrano e Venancio Filho.
- XV. Os Centros de Interesse na Escola, por Abner de Moura
- XVI. A Escola, por Estevam Pinto
7. Büchler, Aritmética Elementar.
8. C. Baudouin, La discipline intérieure
9. C. Wagner:
 - a) Pour les Petits et les Grands
 - b) A Vida Simples
 - c) O Valor
10. Calkins, Primeiras lições de cousas, trad. de Ruy Barbosa.
11. Claparède:
 - a) Psychologie de l'enfant
 - b) Comment diagnostiquer les aptitudes des enfants.
 - c) L'éducation fonctionelle

12. Compayré, Les Grands E'ducateurs (varios volumes)
13. Decroly, Iniciação á atividade... pelos jogos educativos
14. Descoedres:
 - a) L' éducation des enfants anormaux
 - b) Le Développement de l'enfant de deux a sept ans
15. Dottrens et Margairaz, L'apprentissage de la lecture par la methode globale.
16. Eikenberry y Waldron, Biología Pedagógica (trad. espanhola)
17. F. Nereu Sampaio, o Desenho ao alcance de todos
18. Faria de Vasconcellos:
 - a) Pedologia e Pedagogia experimental
 - b) Didática de ciencias naturais
 - c) Une école nouvelle en Belgique
19. Fernando de Azevedo:
 - a) Novos Caminhos e Novos Fins
 - b) Antinuos
 - c) Educação Fisica
20. Fernando Sainz, El Método de Projectos
21. Foerster, L'école et le caractère
22. François Guex, Historie de l'instruction et de l'éducation
23. Gastão Ruch, Historia geral da Civilização
24. Gaston Richard, Pedagogie Experimentale
25. Gladys Lowe Anderson, La lecture silencieuse
26. Goué, Como fazer observar os nossos alunos
27. Gustave Le Bon, La psychologie des foules
28. Hamaide, Methodo Decroly
29. Herbert Spencer, Educação Intelectual, Moral e Fisica
30. Iago Pimentel, Noções de psicologia
31. J. J. Rousseau, Emile.
32. Jean Piaget:
 - a) Le Langage et la Pensée chez l'enfant
 - b) Le Jugement et le Raisonnement chez l'enfant

- c) La Représentation du monde chez l'enfant
 33. João Toledo:
 a) O crescimento mental
 b) Escola Brasileira
 c) Didática
 34. John Dewey:
 a) L'école et l'enfant
 b) Comment nous pensons
 c) Teorias sobre la educacion
 d) Los fines de la educacion
 e) Ensayos de educacion
 f) El interés y el esfuerzo en la educación
 g) La escuela y la sociedad
 35. José Ingenieros:
 a) O Homem Mediocre
 b) As Forças Morais
 36. Jules Payot:
 a) Educação da vontade
 b) Aos professores e ás professoras
 37. Kerchensteiner:
 a) El alma del educador
 b) Concepto de la escuela del trabajo
 38. Léon Bernard, Cours d'Hygiene
 39. Leoni Kaseff, Educação dos super-normais
 40. M. Guyau, Education et Héredité
 41. Margarida Comas, El método de projectos en las escuelas urbanas
 42. Medeiros e Albuquerque, Testes
 43. Montessori, Les Case dei Bambini (trad. francesa).
 44. Pierre Bovet, L'Instinct combatif
 45. Pierre Mendousse:
 a) L'âme de l'adolescente
 b) Comment nous pensons
 46. Revista de Pedagogia, publicada em Madrid
 47. Serie Escolar de la Revista de Pedagogia (varios opusculos)

48. Serie Metodologica de la Revista de Pedagogia (varios opusculos)
 49. Th. Simon, Pédagogie Expérimentale.
 50. Toulouse:
 a) Comment former un esprit
 b) Comment se conduire dans la vie.

NOTICIARIO

Congresso de proteção á natureza

(Comunicado da Directoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saude Publica).

As classes cultas do Brasil nunca se mostraram insensíveis á maravilhosa natureza que nos felicita, cujos encantos o estrangeiro apregôa e constituem para os nacionais motivo de um orgulho que ninguem pensa em reprimir, mas todos, com exuberancia de encomios, não deixam de manifestar nas ocasiões oportunas.

Em geral as populações de todos os recantos do Universo celebram os esplendores da terra natal, mesmo quando a ambiencia em que vivem lhes é hostil e não se impõe, como succede em certas ialitudes inhóspitas, á gratidão da raça humana. No sólo brasileiro "a mão da natureza esmerou-se em quanto tinha", e os louvores

que lhe tributam os escritores e poetas, desde Pero Vaz de Caminha, representam apenas uma justa retribuição dos beneficios com que ella cumula os mais privilegiados dos seus filhos. Não basta, porém, exaltar em palavras os encantos da nossa abençoada natureza. É preciso traduzir em fatos e atitudes o reconhecimento que as palavras exprimem. E o que se vem fazendo, ha muito tempo, no Brasil, é justamente o contrario do que os imperativos da coerencia estão a exigir dos habitantes de uma patria onde não ha terremotos, nem vulcões, nem ciclones, nem invernos rigorosos e onde uma flóra generosa oferece aos incolas, nos seus pomos, nas suas essencias, nas suas palmas nativas, os meios de auferir, com esforço relativamente diminuto, o alimento para o corpo, o remedio para a saude, o abrigo seguro e

providencial contra as intempé-
ries.

A "terra graciosa" de Pero Vaz de Caminha não tem merecido dos seus povoadores aquele carinho a que fazem ju's os seus atrativos e as dádivas abundantes com que concorre para o bem estar físico e o enlevo espiritual das populações brasileiras. O mais expressivo sintoma da ingratidão dos homens para com esse torrão bemfazejo é a devastação impiedosa das matas, imprevidentemente destruídas, sem a preocupação do replantio. Um ilustre sábio patricio, ainda no Império, descrevendo uma viagem ao redor do Brasil, já profligava, em termos veementes, o desaparecimento de verdadeiras florestas medicinais em Mato-Grosso; outros têm aludido à obra funesta dos madeireiros que derrubam, à margem dos grandes rios, os gigantes das matas seculares, destruindo a herança do passado, sem cuidar nas reservas do futuro. Marginando o leito das vias lúgubres e, substituída a economia os antigos bosques luxuriantes cedem lugar à monotonia das pastagens em geral, e principalmente agrícola a pastoril, invertem-se as

leis da evolução, restaura-se o deserto, reconduzindo os municípios vizinhos das grandes metrópoles brasileiras do século XX à condição que Tiberio Graeco assinalava, na Itália, há mais de 2 mil anos, como um sintoma de solador de decadência da república romana.

Vêm estas considerações a propósito do projetado Congresso de Proteção à Natureza, promovido pela Sociedade dos Amigos das Árvores, sociedade que acaba de merecer do Chefe do Governo Provisório uma circular, dirigida aos Ministérios, recomendando-lhes prestigiar a iniciativa para que lhe foi em boa hora solicitada o esclarecido patrocínio.

O Ministério da Educação e Saúde Pública, obedecendo às determinações do Chefe da Nação, auxiliará, por todos os meios ao seu alcance, o êxito da conferência convocada e, como providência inicial, apêla para os brasileiros em geral e principalmente para a culta imprensa do país, no sentido de obter o concurso de todos a um certame inspirado em tão nobres intuítos e destinado a tão beneméritos fins.

O ensino doméstico na Suíça

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública).

Dois cantões suíços, segundo um comunicado que o Bureau In-

ternacional de Educação enviou para divulgação no Brasil, legislarão, em divulgação no Brasil legislarão, não há muito, sobre a obrigatoriedade do ensino doméstico, e um terceiro, o de Basileia, acha-

se em via de seguir-lhes o exemplo.

Constam das linhas que se seguem os pontos mais importantes desse ensino, cujo interesse não é pequeno, tendo em vista os grandes benefícios que de sua adoção e difusão advêm aos lares e à sociedade.

No cantão de Vaud, de acordo com os termos da lei sobre a instrução pública primária, dada de 19 de fevereiro de 1930, "o ensino doméstico é obrigatório para todas as moças, domiciliadas no cantão, que não estejam seguindo cursos especiais". O último ano de escola é consagrado, tanto quanto possível, a essa aprendizagem, havendo, para tanto, classes domésticas organizadas nas escolas primárias, destinadas às alunas maiores de 15 anos.

Com a duração de um ano, funcionam essas classes, de 28 a 36 horas por semana. O ensino é mantido pelas comunas, mas o Estado o subvenciona com uma quantia que se eleva a 40% do total das despesas ou a mais, si os recursos das comunas forem insuficientes.

A lei faculta a ação conjunta de varias comunas para a fundação de uma escola doméstica num ponto central. Elas constituem então um "círculo" escolar. Nesse "círculo" pôde ser criado, onde as circunstâncias o justificarem, o ensino doméstico ambulante ou de inverno. As classes domésticas ficam sob a fiscalização do Departamento de Instrução Pública, das comissões esco-

lares e das comissões especiais de "círculos". Essas comissões têm poderes para delegar uma parte de suas atribuições a uma comissão de senhoras. O ensino, ao mesmo tempo teórico e prático, deve adaptar-se às circunstâncias e às necessidades de cada região. Constam do programa os seguintes ramos: cozinha, alimentação, puericultura, cuidados aos doentes, lavagem, engomagem, corte e confecção e, eventualmente, jardinagem. Nos dias dedicados à cozinha, os alunos tomam gratuitamente sua refeição na escola. Cada classe é provida de uma biblioteca de trabalhos de utilidade doméstica e de preparação para a vida prática e familiar e de outros de cultura geral.

As professoras de classes domésticas devem possuir o diploma desse ensino, fornecido pelas Escolas Normais do cantão, ou um título reconhecido, equivalente. Segundo as circunstâncias, para certos ensinios de cultura geral ou de conhecimentos práticos, poderá ser convidada uma professora primária ou um técnico.

No cantão de Zurich, a frequência à escola doméstica complementar foi declarada obrigatória pela lei de 4 de julho de 1931, lei posta em vigor, desde o dia 1.º de maio de 1932. Essa escola é destinada igualmente às moças maiores de 15 anos, e o respectivo curso dura dois invernos ou um ano inteiro, devendo o ensino contar 240 horas no total. Os cursos e o material são gratuitos. Podem também ser admitidas aos

REVISTA DO ENSINO

REDAÇÃO:

Diretor: Inspetor Geral da Instrução.
Redatores: Membros do Corpo Técnico da Secretaria da Educação.

EXPEDIENTE:

A "Revista do Ensino" publica-se quinzenalmente.

ASSIGNATURAS:

Anual	20\$900.
Semestral	10\$900.
Numero avulso	1\$900

Toda correspondência destinada à "Revista do Ensino" deve ser enviado à sua redação

Inspetoria Geral da Instrução
 Secretaria da Educação
 Belo-Horizonte

curso moças e senhoras que tenham passado a idade da escola complementar obrigatória.

Os pais, tutores ou patrões são obrigados a velar pela frequência regular aos cursos domésticos, das moças confiadas à sua guarda ou que trabalhem a seu serviço, devendo os patrões conceder a suas empregadas, sem diminuição de salário, uma licença de 4 horas por semana para seguirem os cursos. O programa é dividido do seguinte modo: roupas brancas e concertos, 60 h.; cozinha e alimentação, 120 h.; arranjo de casa e contabilidade do-

mestica, 60 h.; — O arranjo de casa compreende a limpeza e a decoração (preço, manutenção, etc.); a habitação, (aluguel, tráfego do soalho, tapeçaria, conservação dos móveis, etc.); aquecimento e iluminação.

Outros ramos se tornam também obrigatórios segundo as circunstâncias: a pedagogia, a higiene, a puericultura, e os cuidados aos doentes, a língua alemã, etc.

A direção geral do ensino doméstico está confiada a uma comissão de vigilância, de 9 membros, na qual as senhoras devem estar representadas em numero suficiente. As lições e o material são gratuitos. Não se acham autorizados a ensinar nos cursos domésticos complementares senão os professores e professoras, cuja capacidade for reconhecida pelo Departamento de Instrução Pública. Para as escolas que não dispõem de pessoal suficiente, o Departamento poderá designar mestres itinerantes, e confiar a médicos e enfermeiras o encargo de certas lições técnicas.

O cântão de Basileia conta ter também cursos domésticos complementares obrigatórios, mas a lei está ainda em projeto, devendo os cursos abrir-se no ano 1933-1934.

Origem: Doação

Preço: _____